

Q μ Σ M Σθmos πόζ?

A DESCOBERTA DAS INFINITAS POSSIBILIDADES
DE ALTERAR A REALIDADE DIÁRIA

WILLIAM ARNTZ, BETSY CHASSE E MARK VICENTE
Criadores do filme

Q μ Σ M Σθmos πόζ?
Com Jack Forem e Ellen Erwin

Título original

What the Bleep Do We know!? — Discovering the Endless Possibilities for Altering your Everyday Reality

Copyright © 2005 Captured Light Distribution, LLC

Direitos cedidos para esta edição à EDIOURO PUBLICAÇÕES S. A.

Publicado por PRESTÍGIO EDITORIAL

Adaptação de capa por Susan Johnson

Copidesque por Michel Teixeira, Jacqueline Gutiérrez e Léo Schlafman

Projeto de capa e miolo de Larissa Hise Henoch

Diagramação original de Lawna Patterson Oldfield

Ilustrações originais do capítulo 11 de Gloria Naylor

Imagens do capítulo 12 copyright © Adam McLean 2002

Todas as citações de Ramtha neste livro são usadas com a permissão de JZ Knight e da JZK Publishing, uma divisão da JZK, Inc. Nenhum fragmento dessas citações, incluindo ilustrações e imagens publicadas pela JZK, Inc., pode ser reproduzido ou transmitido por qualquer forma e/ou meios, eletrônicos ou mecânicos, inclusive fotocópia, gravação ou outra forma de armazenagem de informações e recuperação de dados, sem a autorização por escrito da JZK Publishing, uma divisão da JZK, Inc. Todos os direitos reservados.

Ramtha®, Ramtha Dialogues®, C&E®, Consciousness & Energy®, The Tank®, Blue Body®, Twilight®, Fieldwork™ e Torsion Process™ são marcas registradas e marcas de serviço da JZ Knight e da JZK, Inc., uma Washington corporation, e são usadas com permissão.

A JZ Knight e a JZK, Inc. não necessariamente endossam ou apóiam qualquer opinião ou comentário parcial ou totalmente expressos neste livro pelos autores e editores.

Para mais informações sobre os ensinamentos de Ramtha, entre em contato com: Ramtha's School of Enlightenment, uma divisão da JZK, Inc., P.O. Box 1210, Yelm, WA 98597, Estados Unidos. www.ramtha.com

What the Bleep Do We Know™ e todos os logotipos associados são marcas registradas e/ou marcas de serviço da Lord of the Wind Films, LLC. nos Estados Unidos e/ou em outros países.

©2003 Lord of the Wind Films, LLC. Todos os direitos reservados.

Editora original: Health Communications, Inc.

3201 S.W. 15th Stree – Deerfield Beach, FL 33442-8190

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A784q Arntz, William

Quem somos nós? — A descoberta das infinitas possibilidades de alterar a realidade diária / William Arntz, Betsy Chasse e Mark Vicente; tradução de Doralice Lima. - Rio de Janeiro: Prestígio Editorial, 2007.
il.

Tradução de: *What The Bleep do We Know!?*
978-85-7724-805-6

I. Vida espiritual. 2. Mecânica quântica - Miscelânea. I. Chasse, Betsy.
II. Vicente, Mark, 1965-. III. Título.

07-2958.

CDD: 204

CDU: 214

Todos os direitos reservados. A reprodução não-autorizada desta publicação, por qualquer meio, seja ela total ou parcial, constitui violação da Lei nº 5.988.

 **Prestígio**
editorial

A Prestígio Editorial é um selo da Ediouro Publicações S.A.

Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – CEP 21042-235 – Rio de Janeiro, RJ

Tel. (21)3882-8338 – Fax (21)2560-1183 – e-mail: editorialsp@ediouro.com.br

vendas@ediouro.com.br – Internet: www.ediouro.com.br/prestigio

SUMÁRIO

Algumas palavras dos autores...

ix

As grandes perguntas

1

Ciência e religião: a grande separação

11

A mudança de paradigma

23

O que é realidade?

33

Visão e percepção

43

A física quântica

53

O observador

63

A consciência

75

O domínio da mente sobre a matéria

85

A consciência cria a realidade

97

Eu crio minha realidade?

107

Por que não somos magos?

119

O cérebro quântico

131

Introdução ao cérebro

143

Emoções

157

Dependências

169

Desejo → Escolha → Intenção → Mudança

181

Intervalo com Betsy

192

O outro lado dos paradigmas

197

O emaranhamento

213

A superposição final

229

Epílogo: um banquete quântico

237

A história de *Quem somos nós?*

253

Colaboradores

266

Leitura recomendada

273

Algumas palavras dos autores...

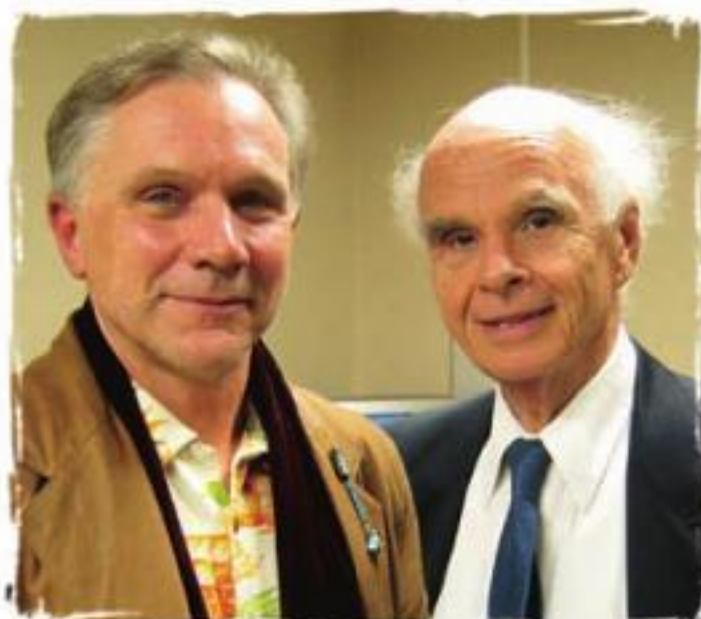
Começamos esse projeto da forma como sabíamos. Quando terminamos... Bem, você sabe o nome do filme...*

Portanto, se você se encontra numa livraria lendo essas palavras iniciais e o que está procurando é um guia que ensine “como fazer”, escrito por seres muito evoluídos que já “fizeram”, provavelmente é melhor devolver este livro à prateleira.

Mas se você continua lendo, vamos fazer uma viagem.

Ou melhor, nós fizemos uma viagem. Saímos em grupo Estados Unidos afora, entrevistando todas essas pessoas brilhantes para documentar o que elas tinham a dizer. Queríamos fazer um filme sobre o que pensávamos que eles tinham a dizer. Logo descobrimos que o que eles realmente tinham a dizer era *diferente*. Diferente de algumas das nossas idéias, diferente do que os outros diziam, diferente do que aprendemos na escola, diferente do que é pregado nas igrejas e diferente daquilo que se vê no noticiário da noite. E no final tínhamos que decidir. Decidir *por nós mesmos* onde está a verdade e o que experimentar em nossas vidas.

Parece haver uma tendência humana em pensar que existe uma fórmula mágica, uma técnica esotérica secreta ou uma tradição oculta que subitamente vai fazer tudo funcionar. Se existe alguma fórmula simples



Will Arntz (à esquerda) e Ervin Laszlo, cientista de renome mundial

* O filme mencionado é anterior a este livro. Seu título original é *What the Bleep Do We Know!?* Foi exibido no Brasil com o título *Quem somos nós?* [N. da T.]

assim, não conseguimos encontrá-la em nossos decênios de aprimoramento espiritual.

Portanto, como aparentemente não sabemos tanto assim, você pode se perguntar por que estamos escrevendo um livro. Bem, para muitas pessoas, *Quem somos nós?* apresentou idéias e maneiras novas de ver o mundo. Para outros, o filme pareceu validar o que sempre *sentiram* ser verdadeiro, apesar de nunca terem encontrado ninguém que pensasse da mesma maneira. Assim sendo, parte deste livro é informação: mergulhar mais fundo na ciência. E, então, há aquelas partes que refletem a nós mesmos, como percebemos (ou deixamos de perceber), o que fazemos e como nossas atitudes entram em choque com nossas experiências e nossa realidade. Também exploramos as descobertas de alguns pesquisadores que podem indicar por que fazemos o que fazemos.

E ainda existe a bola de cristal. Muitos dos que entrevistamos são visionários, pioneiros e profetas. Todos sentimos que estamos à beira de *alguma coisa*; alguma coisa importante. Ao longo da história, grandes mudanças na forma como as pessoas viam o mundo (isto é, nos paradigmas) foram pressentidas por visionários, que perceberam sua aproximação e/ou mostraram o caminho. Os visionários criaram o novo paradigma ou o novo paradigma voltou no tempo e criou os visionários? Ou uma coisa cria a outra ou, como sugerem alguns modelos novos, não existe um criar o outro, apenas um estado de existência mútua no qual causa e efeito são substituídos por *ser*?

Isso é uma toca do coelho. E por mais místico que possa soar e por mais estranho que seja de ler, *existem* dados científicos que sugerem ser assim.

Entrevistar nosso coro grego de cientistas, filósofos e místicos foi fascinante. Tanto que, ao final da filmagem, as equipes geralmente acabavam interferindo e fazendo perguntas. E os membros dessas equipes não conheciam o material. Eram

profissionais de cinema que contratávamos em cada cidade. E, quando expostos a essas idéias e conceitos, ficaram fascinados e começaram a pensar sobre as possibilidades. É por *isso* que estamos escrevendo esse livro — porque existem pessoas, muitas pessoas, interessadas nesses assuntos. E muitos dos interessados não sabiam disso até experimentarem. Portanto, se pudermos oferecer alguma “culinária quântica”, ficaremos felizes. Divirtam-se, porque esta é uma verdadeira viagem por um material surpreendente.

—Will Arntz



Há cinco anos eu me queixava (como era meu costume) de que Hollywood simplesmente não produzia filmes que eu achava válidos e necessários ao mundo. Nessa época eu era cinegrafista e realmente desejava encontrar diretores com quem trabalhar que fizessem filmes transformadores. Enquanto isso, ficava me queixando de que a indústria de cinema era superficial. Um dia a dura realidade me atingiu e percebi que não era o papel de Hollywood fazer filmes que modificassem vidas. Talvez esse papel fosse meu. E todos esses anos me queixei de Hollywood por não atender às minhas necessidades. Arrogante, não é mesmo?

Nunca me ocorreu que, em vez de reclamar, eu devia começar a dirigir! Pouco depois conheci William Arntz, um dos homens mais corajosos que já vi. Poucas pessoas arriscam o próprio dinheiro no que pensam, como fez Will. Juntamente com a talentosa Betsy Chasse, formamos uma parceria criativa que gerou o filme, este livro e um novo sentido de ser em todos nós. Durante os três anos fazendo o filme, lidamos com as dependências emocionais nele abordadas e chegamos ao outro lado mais velhos e mais sábios.



Este livro contém algumas idéias que não chegaram a fazer parte do filme, mas apresenta os mesmos conceitos e a mesma informação que fizeram dele um sucesso tão grande. Acredito que esse conhecimento e essas informações modificam a vida. Aproveite bem nosso vislumbre sobre o futuro da humanidade.

—Mark Vicente



Há quatro anos eu vivia feliz com minha rasa consciência. (Que tipo de sapato devo usar? Que tipo de carro estou dirigindo?) Então, esse filme literalmente caiu no meu colo. Era o universo mandando uma mensagem! Passei a maior parte dos últimos quatro anos perguntando a Deus e a todo mundo “O que isso tem a ver comigo?” e “Como posso usar isso em minha vida?”. Às vezes, tentar entender a maior parte desses questionamentos e incorporá-los já parece opressivo. Este livro é uma oportunidade fantástica de explicar nossa compreensão do mundo louco e estranho em que vivemos. Espero que seja uma ajuda para vocês fazerem o mesmo. Esta é nossa jornada, nossa experiência e nossa responsabilidade sobre tudo isso. Não pretendo me tornar professora ou guru, mas posso dizer que passar pela experiência de filmar e colocar tudo isso no papel me transformou para sempre. Espero que vocês encontrem informações úteis. Mas não aceitem nossa palavra — experimentem por si mesmos.

—Betsy Chasse



AS GRANDES PERGUNTAS

Fazer a si mesmo perguntas mais profundas revela novas maneiras de estar no mundo. Traz um sopro de ar fresco. Torna a vida mais alegre. A grande jogada na vida não é saber, mas mergulhar no mistério.

FRED ALAN WOLF





O que é uma grande pergunta? Por que se preocupar com isso? O que torna a pergunta grande?

Imagine que aterrissasse em sua mesa de centro uma nave espacial (o tamanho faz diferença?), contendo o *Livro universal sobre tudo*, e você tivesse direito a fazer uma pergunta. Qual seria ela?

Isso pode parecer bobagem, mas vale o esforço. Pare um instante e pense: qual seria essa pergunta? Pode ser qualquer coisa. Vá em frente e anote-a num diário.

Agora digamos que ultimamente o *Livro* esteja se sentindo um tanto subutilizado, e lhe dê uma pergunta de brinde. Pense em alguma coisa sobre a qual você tenha apenas curiosidade. Pode ser se Elvis ainda está vivo ou onde você colocou a chave do carro. Algo que simplesmente seja do seu agrado. Anote essa também.

A essa altura, o *Livro* está se sentindo um pouco esgotado. Ele se tornou o *Livro universal sobre tudo* fazendo perguntas a todo mundo e obtendo respostas reais. Assim, a pergunta para você (cuja resposta será acrescentada ao *Livro*) é:

Qual é a coisa sobre a qual você tem certeza?

Grandes perguntas — o abridor de latas da consciência

A não ser por algumas pessoas como Fred Alan Wolf (que citamos na página precedente), em que situação na vida somos

estimulados a fazer perguntas? No entanto, a maioria das grandes descobertas e revelações caras à nossa sociedade foi produto de perguntas. Aqueles temas, aquelas *respostas* que estudamos na escola resultaram de *perguntas*. As perguntas são as precursoras, a causa primária, em todos os ramos do conhecimento humano. O sábio indiano Ramana Maharshi declarou aos discípulos que o caminho para a Iluminação pode ser resumido na frase: “Quem sou eu?” O físico Niels Bohr perguntou: “Como é possível um elétron ir de A para B sem jamais passar entre esses dois pontos?”

Perguntas como essas nos despertam para o que não sabíamos. E de fato são a única forma de chegar lá — ao outro lado do desconhecido.

Por que fazer uma grande pergunta? Perguntar é um convite à aventura, a uma viagem de descobrimento. Partir para uma nova aventura é emocionante; há o profundo encantamento da liberdade, a liberdade de explorar um território novo.

Então, por que não fazemos essas perguntas? Perguntar abre a porta para o caos, o desconhecido e o imprevisível. No momento em que fazemos uma pergunta cuja resposta desconhecemos, despertamos para todas as possibilidades. Estamos prontos para receber uma resposta que não gostamos ou com a qual não concordamos? E se a resposta nos deixar desconfortáveis ou nos tirar da área de segurança que construímos para nós mesmos? E se a resposta não for o que desejamos ouvir?

Para fazer uma pergunta não é preciso força; é preciso coragem.

Agora vejamos o que torna grande uma pergunta. Uma grande pergunta não precisa vir de um livro de filosofia ou tratar das grandes questões da vida. Para você, uma grande pergunta pode ser: “E se eu decidisse voltar à universidade para me formar numa nova área?” ou “Devo dar atenção àquela voz que insiste em me dizer que vá para a Califórnia ou a China?” ou ainda “É possível descobrir o que existe dentro de um neutrino?” Qualquer uma dessas perguntas ou



De onde viemos?
O que devemos fazer?
E para onde estamos indo?
—Miceal Ledwith

A diferença entre o meu eu aos 5 anos de idade e o meu eu hoje é que aos 5 anos eu não tinha feito um grande investimento emocional na idéia de o universo ser de determinada forma. Estar “errado” nunca era problema. Tudo era aprendizagem. Agora fico lembrando a mim mesmo: em ciência não existe experiência fracassada. Ter descoberto que o que eu estava testando simplesmente não funciona é na verdade um sucesso.

—WILL



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Você consegue se lembrar da criança de 5 anos que você foi? Pode lembrar como era? Isso é importante, porque aos 5 anos você adorava o mistério. Adorava querer saber. Adorava a viagem. Cada dia era repleto de novas descobertas e novas perguntas.

Então, qual é a diferença entre aquele tempo e agora?

Boa pergunta!

A diversão e a alegria da vida estão na viagem. Em nossa cultura, fomos condicionados a considerar inaceitável e mau o “não saber”, a vê-lo como uma espécie de fracasso. Para passar no teste, temos de saber as respostas. Porém, mesmo quando se trata do conhecimento dos fatos sobre coisas concretas, o que a ciência não sabe ultrapassa em muito o que ela sabe. Muitos dos grandes cientistas estudaram o mistério do universo e da vida em nosso planeta e declararam francamente: “Sabemos pouco. O que mais temos são perguntas.” Isso certamente se aplica aos extraordinários pensadores que entrevistamos. Nas palavras do escritor Terence McKenna: “Quanto mais brilham as fogueiras do conhecimento, mais a escuridão se revela a nossos olhos assombrados.”

É ainda mais difícil dar uma resposta clara à pergunta: “Qual é o significado e o propósito da minha vida?” A resposta a grandes perguntas como essa só pode emergir da viagem que é viver. E só podemos chegar a ela pela estrada do não saber — ou talvez devamos dizer, do ainda-não-saber. Se sempre julgamos conhecer a resposta, como iremos crescer? Como poderemos estar abertos para aprender?

Um professor universitário visitou Nan-in, o mestre zen, para perguntar sobre o zen. Contudo, em vez de ouvir o mestre, o professor se limitou a falar sobre as próprias idéias.

Depois de ouvir por um tempo, Nan-in serviu chá. Encheu a xícara do visitante e continuou a servir o chá. O líquido transbordou, encheu o pires, caiu nas calças do homem e no chão.

Descobri que fico particularmente estimulado ao perceber de repente que não tenho a resposta para alguma coisa. É como chegar à beira de um precipício em minha mente.

Nesse espaço do “nada”, ou do não saber, tenho um sentimento intenso de expectativa. A razão da excitação é ter chegado ao limite do que sei e perceber que muito em breve surgirá na minha cabeça um entendimento espantoso que não existia dentro de mim no instante anterior.

Então virá um imenso “ah-ha”. Aprendi recentemente que um “ah-ha” estimula os centros de prazer do cérebro (...) Evidentemente, sou viciado nessa sensação.

—MARK



Cada era, cada geração possui premissas assumidas — o mundo é plano, o mundo é redondo. Há centenas de premissas ocultas, coisas consideradas verdadeiras, que podem ou não ser reais. Na grande maioria dos casos, esses conceitos sobre a realidade — que fazem parte do paradigma dominante ou da visão do mundo — não são corretos. Assim, se a história servir como guia, muitas das nossas certezas de hoje sobre o mundo simplesmente não são verdade.

—John Hagelin, Ph.D.

— Não está vendo que a xícara encheu? — explode o professor. — Não cabe mais nada!

— Isso mesmo — responde calmamente Nan-in. — Tal como essa xícara, você está cheio de suas próprias idéias e opiniões. Como poderei mostrar-lhe o zen se você não esvaziar sua xícara primeiro?

Esvaziar a xícara significa abrir espaço para as grandes perguntas. Quer dizer estar acessível, se recondicionar para poder aceitar, momentaneamente, o *não* saber. Daí, um conhecimento maior surgirá.

NÃO FAZ MAL NÃO SABER A RESPOSTA

Há pouco tempo, minha sobrinha de 16 anos enviou-me um longo e-mail. A tônica era: “A vida é uma droga. Vejo meu pai chegar todo dia do trabalho completamente arrasado. Não quero cair na armadilha dessa corrida maluca, mas não vejo como evitar. É isso o que a vida é? Para que serve tudo isso? É melhor dar um tiro na cabeça.”

“Cristina”, escrevi, “talvez esta não lhe pareça uma grande resposta, mas estou orgulhoso de você. Não posso garantir que você resolverá seu dilema e encontrará a resposta. Sei que você precisa de respostas — mas a vida às vezes não nos responde imediatamente. No entanto, você está fazendo as perguntas certas, e isso é importante.”

—WILL

Você está em boa companhia

Há milhares de anos as pessoas vêm fazendo grandes perguntas. Sempre houve homens e mulheres que olharam para



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Paro na frente do espelho todas as manhãs e procuro me fazer uma grande pergunta: “O que eu não sei e desejo saber?”

Essa manhã foi: “Quero saber se sou realmente capaz de sentir amor incondicional.”

Para mim, isso não é apenas uma idéia abstrata. Amor incondicional faz parte dos meus planos — é como quero ser, pelo menos com meu marido e minha filha —, mas, sendo honesta comigo mesma, não tenho certeza de alguma vez tê-lo verdadeiramente sentido.

—BETSY

amanhã. As teorias de ontem serviram como plataforma para se subir mais alto, o que *sir* Isaac Newton quis dizer quando afirmou: “Se eu tive o privilégio de ver mais longe que outros, é porque estava de pé sobre os ombros de gigantes.”

A ciência só progride porque se fazem perguntas e se desafiam as premissas e “verdades” aceitas por todos em um determinado momento. E se a mesma coisa se aplicasse a nossas vidas pessoais, nosso crescimento individual e nosso progresso?

Pois, adivinhem, também se aplica. Quando nos libertamos das premissas sobre nós mesmos, crescemos mais do que imaginamos ser possível.

Então, vamos lá

Pensar nas grandes perguntas é uma forma maravilhosa de passar um “tempo produtivo” com a própria mente. Quando foi a última vez que você levou sua mente para uma viagem de aventura pelo mistério? Que tentou chegar ao outro lado do infinito?

Fazer perguntas também tem um imenso valor prático. É a porta de entrada para a mudança.

A propósito, alguma vez você pergunta a si mesmo, como Joe Dispenza: “Por que continuamos a criar a mesma realidade? Por que continuamos com os mesmos relacionamentos? Por que repetimos os mesmos empregos o tempo todo? Nesse mar infinito de potencialidades em torno de nós, por que continuamos a criar as mesmas realidades?”

Ou, como Einstein enunciou, uma das definições de insanidade é fazer a mesma coisa vezes seguidas, esperando obter um resultado diferente.

É aí que entram as grandes perguntas. Elas são *grandes* porque nos tornam suscetíveis a uma realidade maior, a uma visão mais ampla e a opções maiores. E elas vêm na forma de *perguntas* porque vêm do outro lado do conhecido. Chegar lá é mudar.

Pense um pouco nisto...

Uma observação sobre “Pense um pouco...”: muitos de nós conseguiremos responder com facilidade a algumas dessas perguntas. Porém a idéia aqui é não procurar o óbvio, mas sim o não óbvio — o subconsciente, o lugar para onde raramente olhamos, se alguma vez olhamos. Pense nas coisas que você guardou quando era criança, como o medo, por exemplo: será que o medo de cães se difunde pela sua consciência, assumindo outras formas? Vá devagar. Ninguém está no fundo da sala com um cronômetro.

- Você se lembra das três primeiras perguntas no início do capítulo? O que acha delas agora?
- Uma nave espacial aterrissa a seu lado, trazendo o *Livro universal sobre tudo*. Você ganha de brinde uma pergunta, só de brincadeira. Qual seria ela?
- E o brinde dentro do brinde: Estamos de volta ao ponto inicial? Ou avançamos?

Lembre-se dessas perguntas enquanto lê este livro. Elas vão evoluir à medida que você evolui. E essa é a melhor parte! Mantenha um diário para poder acompanhar sua evolução e se lembrar delas.

**Todas as coisas importantes são realizadas com
o coração despreocupado!**

—Ramtha





You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

ram como especializações a física das partículas e a biologia molecular. Hoje, a busca da imortalidade é conduzida pelos bioquímicos que estudam o DNA.

Um mundo vivo

Antes da Revolução Científica, acreditava-se num mundo vivo. Na China, via-se o mundo como uma interação dinâmica entre forças energéticas que fluem constantemente; nada é fixo ou estático, tudo está fluindo, mudando ou eternamente renascendo.

No Ocidente, acreditava-se que o mundo expressava a vontade e a inteligência de um Criador Divino. As peças que compunham o mundo estavam ligadas em uma “grande cadeia do ser”, que se estendia de Deus para os anjos e deles para o homem, os animais, as plantas e os minerais, cada um com seu lugar adequado num todo vivo. Nada existia por si só; cada peça estava relacionada com todas as outras.

Os povos de cada continente viviam uma relação harmoniosa com seu entorno — os animais e as plantas, o sol e a chuva, a Terra viva. Manifestavam essa percepção descobrindo “espíritos” em montanhas, riachos e bosques, e fundamentavam a religião e a ciência no aprendizado do viver de forma a agradar aos espíritos da Terra e do céu.

Em todas essas culturas, o objetivo da ciência era adquirir conhecimentos que harmonizassem a vida humana com as grandes forças do mundo natural e com os poderes transcendentais que pressentiam existir por trás do mundo físico. Desejava-se saber como a natureza opera, não para dominá-la, mas para viver de acordo com seu fluir. Como escreveu o físico e filósofo Fritjof Capra em *O ponto de mutação*: “Desde a antiguidade os objetivos da ciência tinham sido a sabedoria, a compreensão da ordem natural e a vida em harmonia com ela. A ciência era praticada ‘para a glória de Deus’ ou, como diziam os chineses, para ‘acompanhar a ordem natural’ e ‘fluir na corrente do Tao.’”

Tudo isso mudou em meados do século XVI.



Nas principais culturas do mundo antigo havia uma escadaria separando o humano e o divino. Pensava-se na Terra e no cosmo como “vós”, em vez de “isso”. Os indivíduos sentiam que estavam participando de um grande mistério cósmico do qual eles faziam parte. As pessoas experimentavam o divino como iminente no mundo material. A natureza e o cosmo tinham a alma cheia da presença divina. Cerimônias como as realizadas em Stonehenge (...) ligavam a Terra ao céu e fortaleciam o sentimento de participação na realidade divina.

—Anne Baring



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Passei a maior parte da minha vida com a cabeça enfiada na areia. Minha defesa era acordar pensando em qual par de sapatos iria usar. Nunca consegui aceitar o conceito de haver um cara lá no céu me julgando, e nunca comprei totalmente a idéia de descender de um macaco. Sempre me pareceu que deveria existir alguma coisa mais, porém grande demais para ser concebida por alguém tão pequeno quanto eu. Por muito tempo deixei isso por conta das “pessoas mais inteligentes”. Agora percebo que se eu não acordar e participar desse diálogo, a ciência e a religião continuarão em suas estradas de elitismo, dogma e disputa de poder. Acho que elas precisam de um bom terapeuta de família — NÓS!
—BETSY

Todas as operações do corpo também podiam ser explicadas por um modelo mecânico. Ele escreveu: “Considero o corpo humano uma máquina.” Como veremos, a separação entre mente e corpo, transformada por Descartes em regra fundamental da ciência, causou uma infinidade de problemas.

Francis Bacon e a dominação da natureza

Francis Bacon, filósofo e cientista britânico, também teve papel importante na instituição do método científico, que pode ser representado pelo diagrama:

Hipótese → pesquisa e experimentação → elaboração de conclusões gerais → teste das conclusões por meio de pesquisa adicional

É claro que esse método trouxe imensos avanços para a humanidade, desde a pura alegria de compreender melhor a natureza até as melhorias na saúde, na engenharia, na agricultura, etc., chegando aos primeiros passos da exploração espacial. Mas isso é apenas a metade da história.

Como assinalou Fritjof Capra, Bacon via a aventura científica de uma forma, “em geral, francamente perversa”. A natureza precisava ser “acossada em suas perambulações”, “obrigada a servir”, “escravizada”. O papel do cientista era “torturar a natureza para extrair seus segredos”. Infelizmente, essa atitude que pretendia extrair conhecimentos para controlar e dominar a natureza tornou-se o princípio norteador da ciência ocidental. Bacon resumia a idéia com uma frase que todos aprendemos na escola: “Conhecimento é poder.”

O modelo clássico de Newton

O nome que mais freqüentemente associamos à formulação da visão científica é o de *sir* Isaac Newton, e o modelo mecanicista do mundo geralmente é denominado “física

newtoniana” ou “modelo newtoniano”. Esses termos se justificam, já que Newton realizou um gigantesco avanço, sintetizando e melhorando imensamente as idéias e os métodos de seus predecessores. As conclusões e as provas matemáticas fornecidas por ele foram poderosas a ponto de durante quase trezentos anos os cientistas de todo o mundo acreditarem que elas eram a exata descrição do funcionamento da natureza.

Newton, tal como Descartes, via o mundo como uma máquina em funcionamento no espaço tridimensional, cujos eventos (como o movimento das estrelas ou a queda das maçãs) ocorriam no tempo. A matéria era sólida, contendo em seu interior partículas diminutas. Essas partículas e também objetos tão grandes quanto os planetas se moviam de acordo com leis da natureza, como a força da gravidade. Essas leis podiam ser descritas com tanta precisão matemática que, conhecidas as condições iniciais de um objeto — por exemplo, a localização de um planeta, sua velocidade e o padrão de sua órbita —, era possível prever com absoluta certeza o seu futuro. O fato de Newton ter visto uma associação entre dois eventos tão díspares como a queda de uma maçã e o movimento de um planeta foi absolutamente revolucionário. Essa associação era intermediada por uma “força”, no caso, a força da gravidade.

A abordagem mecanicista logo foi aplicada a todas as ciências: astronomia, química, biologia, e assim por diante. Com pequenas variações (como uma visão mais sofisticada do nível atômico da realidade), essa é a descrição do mundo em que fomos todos ensinados a acreditar.

Newton e a religião

Pensemos no seguinte: por mais revolucionários que Newton e seus colegas tenham sido em seu trabalho, quando se tratava de religião eles não questionaram o pensamento dominante em sua época. Estavam mergulhados nele. Embora fossem responsáveis pela introdução de um novo e radical



No século XVII, saímos de uma época em que o universo era visto como entidade viva e vibrante e passamos a ver o mundo como máquina.

Descartes e Newton solidificaram esse conceito, usando a ciência e a matemática para descrever um mundo sem vida, composto de objetos inanimados. Eles fizeram belos cálculos e ampliaram nossa compreensão sobre os sistemas inanimados. Descartes e outros cientistas aplicavam aos sistemas vivos o modelo de um relógio ou de algo movido a corda. Assim, se pudéssemos entender bem as peças, os componentes do sistema, compreenderíamos seu funcionamento como um todo. Isso pode ser verdadeiro para o relógio, mas nós não somos máquinas.

—Daniel Monti, médico



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Os seguidores de Darwin deram o toque final ao triunfo materialista. Não somente não existe Deus e, logo, uma inteligência criativa dirigindo o desenvolvimento da vida intergaláctica, mas nós mesmos, antes o centro do mundo, não somos senão mutações aleatórias, portadores de um DNA que vive uma jornada em busca de evolução, num universo sem sentido.

Esperança de reconciliação?

A separação entre mente e corpo, transformada por Descartes numa regra fundamental em que a pesquisa científica acreditou por centenas de anos, causou problemas sem fim. Ao considerar que o mundo fora de nossas mentes nada mais é que matéria sem vida funcionando de acordo com leis previsíveis e mecânicas e desprovida de qualquer qualidade espiritual, essa regra nos distanciou da natureza viva que nos sustenta. E forneceu à humanidade a desculpa perfeita para explorar todos os “recursos naturais” com a finalidade de atender aos próprios objetivos imediatos e egoístas, sem qualquer preocupação com outros seres vivos ou o futuro do planeta.

E o planeta sofreu. Saqueado em seus recursos e privado de sua pureza, nosso lar poluído começou a girar em direção à extinção.

Enquanto cavava cada vez mais fundo em seu universo morto, a ciência trouxe à luz um mistério. Nos primeiros anos do século XX, o garrote do materialismo começou a ser desapertado por cientistas como Albert Einstein, Niels Bohr, Werner Heisenberg, Erwin Schrödinger e outros fundadores da teoria quântica, que declararam ao mundo: Se investigarmos bem a fundo a matéria, ela desaparecerá e se transformará em energia incomensurável. Se seguirmos o exemplo de Galileu e procurarmos descrevê-la matematicamente, descobriremos que o universo não é nada material! O universo físico é essencialmente não-físico e pode se originar de um campo ainda mais sutil que a própria energia, mais

Se ciência e espírito buscam a natureza da realidade ilimitada, então em algum momento seus caminhos se cruzam. As escrituras mais antigas que conhecemos, os Vedas, descrevem o mundo físico como ilusão, *maya*. A física quântica afirma que a realidade não é o que vemos; na melhor das hipóteses, ela é praticamente vazia, ondas de nada insubstancial.

Os budistas tibetanos falam de tudo como “origem interdependente”. Na física existe a teoria do emaranhamento, segundo a qual todas as partículas estão conectadas e assim estiveram desde o big bang (onde elas emaranharam-se pela primeira vez). E, mais poético, temos no zen o famoso koan: “Qual é o som de uma das mãos batendo palmas?” Ele ecoa a pergunta da física: “Como é possível uma partícula estar em dois lugares ao mesmo tempo?”

Profissionais mergulham em suas respectivas disciplinas, mas a história do progresso humano mostra que a evolução ocorre quando áreas progressivamente mais vastas de estudo são integradas.

Qual é o som de dois adversários se beijando?

—WILL

semelhante à informação, à inteligência ou à consciência, do que à matéria.

Dogma:

*ponto de vista, princípio
ou opinião peremptório de
uma igreja em matéria de fé
ou moral.*

Dois lados da mesma moeda

Em nossa época, a moeda permanece dividida, com a religião de um lado e a ciência de outro. Por quê? Não porque a realidade seja dividida, mas porque os adeptos dessa visão são pessoas. Você se lembra por que as pessoas não fazem grandes perguntas? Porque a resposta pode não ser o que elas desejam.

E se a mente e a matéria não forem divididas? E se existirem entre elas ciclos de retroalimentação observáveis? Estamos no século XXI; no entanto, a linha dominante da ciência ainda se recusa a examinar essa questão.

O doutor Dean Radin, cientista chefe do Instituto de Ciências Noéticas, conduziu a investigação de fenômenos psíquicos com total aderência ao método científico. Apesar disso, ele ainda encontra resistência da parte da comunidade científica tradicional.

Como diz o doutor Radin:

Eles [os cientistas tradicionais] têm convicções pessoais e particulares que desenvolveram por experiência, mas não falam delas em público porque, pelo menos no mundo acadêmico, espera-se que você não fale sobre essas coisas. E essa é uma das poucas áreas no mundo acadêmico em que o tabu não só é forte, mas já persiste por pelo menos um século. Conheço muitos colegas acadêmicos (...), pessoas destacadas em seus campos — a psicologia, a neurociência cognitiva, as neurociências básicas, a física (...) —, que, em particular, têm um grande interesse por (...) fenômenos psíquicos. Alguns deles estão obtendo bons resultados em suas experiências. Bem, por que não estamos ouvindo falar disso? Porque a cultura do mundo acadêmico estabelece que não pode. Portanto,

estamos vivendo a parábola da roupa nova do imperador. Mesmo agora o tabu é tão forte que não se deve falar sequer sobre o próprio tabu. É como um projeto altamente secreto do governo, cuja própria existência é segredo. Bem, o tabu é segredo; espera-se que ninguém fale sobre ele. Uma vez que se fale, esse é o primeiro estágio para fazer com que ele desapareça, e quando isso acontecer, veremos um enorme interesse da parte dos cientistas tradicionais em estudar esses assuntos.

Que perguntas VOCÊ quer ver respondidas?

E então?

A prece promove a cura? É possível afetar a realidade física com a mente? É possível perceber coisas que estejam fora do espaço/tempo? Algum ser é capaz de caminhar sobre a água? A partícula de Higgs existe?

O quê?

A física de partículas teórica prevê a existência da partícula de Higgs. Centenas de milhões de dólares estão sendo gastos para construir aceleradores mais poderosos para encontrá-la. E, no entanto, acreditamos que a maioria dos cidadãos do planeta Terra preferiria ter resposta para as perguntas anteriores.

Certamente, as respostas para essas perguntas teriam um sólido impacto sobre a forma como nos vemos e como vemos o mundo. Muito mais do que a descoberta de uma nova partícula. Porém o mundo da ciência tradicional não quer investir tempo em algo que considera “fora do domínio deles”. Engraçado, porque é exatamente daí que surgem os avanços.

Assim, quem está sabotando a busca da verdade?

São dois lados da mesma moeda.

Primeiro foi a Igreja e agora são os novos sacerdotes — os cientistas.

A PARTÍCULA DE HIGGS

A partícula de Higgs é uma partícula prevista teoricamente que fornece massa a todas as outras existentes no universo. Há décadas os cientistas vêm construindo aceleradores de partículas cada vez maiores para encontrá-la, porque ela é uma partícula pesada (maciça). Eles não conseguem encontrá-la porque ela tem massa muito grande e dá massa às partículas. Então, o que dá massa à partícula de Higgs? Isso parece um pouco estranho a vocês? Talvez os cientistas devessem procurar uma partícula “de informação”, que informe às outras partículas o estado delas (massa, carga, spin...).

The background of the page is a complex stained glass design. The upper portion features a grid of small, colorful panes. On the left, a circular medallion depicts a religious scene with figures. On the right, three figures in robes are shown. The lower portion of the page is dominated by large, interlocking gears in shades of blue, red, and yellow. A central circular motif, possibly representing a sun or moon, is also visible. The overall aesthetic is that of a modern stained glass window.

Pense um pouco nisto...

- Você sabotou sua própria busca da verdade?
- O que significa espiritualidade para você?
- Qual é a diferença, se houver, entre um dogma e uma lei natural?
- Quais são os dogmas na sua vida?
- Como eles governam sua percepção de si mesmo e da sua realidade?
- Você usa o método científico na sua vida?
- Como a cisão entre ciência e religião afetou a sua vida?
- Qual é a diferença entre ciência e religião?
- Como o dualismo afetou a forma como você se vê e como vê a realidade?
- Você vive a vida como um ser independente da natureza e de todos os outros, ou se sente realmente conectado?
- Com que frequência você se sente como um lagarto? Você é capaz de fazer crescer uma cauda?



A MUDANÇA DE PARADIGMA

*Procuro homens que tenham
infinita capacidade de não saber
o que não pode ser feito.*

HENRY FORD



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

conscientemente não sejam tão difíceis. Você pode acreditar na importância da família, da amizade, da atividade física, de uma dieta saudável; também pode ter razões para acreditar que sua filiação política é sensata, e assim por diante. No entanto, dezenas, talvez centenas de convicções inconscientes e não questionadas dirigem sua vida partindo de níveis subterâneos de percepção nebulosa — convicções sobre seu valor e sua competência, por exemplo, ou sobre a confiabilidade, ou a falta dela, que você atribui a outras pessoas. Essas convicções foram sedimentadas desde a infância e continuam a determinar sua relação com o mundo.

Um paradigma é como o sistema inconsciente de crenças de uma cultura. Vivemos e respiramos essas crenças; pensamos e interagimos de acordo com elas.

O velho paradigma científico não está funcionando

Praticamente todo dia surgem novas informações científicas que não podem ser explicadas pelo modelo newtoniano clássico. A teoria da relatividade, a mecânica quântica, a influência dos pensamentos e das emoções sobre nossos corpos, as ditas “anomalias” como a percepção extra-sensorial, a cura pela mente, a vidência, a atuação de médiuns e canais, as experiências de quase-morte ou de sair do corpo, tudo isso mostra a necessidade de um modelo diferente, um novo paradigma que inclua todos esses fenômenos dentro de uma teoria mais abrangente sobre o funcionamento do mundo.

O problema não é só que o modelo antigo é insuficiente para responder às questões levantadas pelas novas pesquisas. Ainda pior é o fato de ele nem chegar perto de livrar a vida humana do sofrimento, da pobreza, da injustiça e da guerra. Na verdade, seria possível até demonstrar que, devido ao modelo mecanicista vir dominando há muito tempo nossa forma de experimentar o mundo, muitos desses problemas ficaram *piores*.

Ao entender quais paradigmas governam minha vida, posso começar a perceber como criei as situações em minha vida. Ao fazer este filme e escrever este livro, quebrei um imenso paradigma inconsciente, aquele que me fazia pensar: “Eu não sou tão inteligente assim!” Nunca me considerei uma pessoa capaz de entender nenhum desses conceitos. Claro, eu era esperta e habilidosa e conseguia abrir caminhos pelo mundo e me tornar um sucesso, mas eu não era uma “rata de biblioteca”. Na minha primeira semana neste filme, Will e Mark me entregaram uns vinte livros e disseram: “Comece a ler, porque você vai telefonar para esses cientistas e convencê-los a participar do nosso filme.” Levei um tempo para parar de dizer a mim mesma que não era capaz de fazer aquilo. Era meu emprego — eu tinha de o fazer. Assim que deixei de me agarrar às minhas limitações, mergulhei de cabeça. Mesmo agora elas ainda me perseguem — mas quando isso acontece, eu só repito: “Sou um gênio!”

—BETSY

Mudanças de paradigma podem também ocorrer na escala humana. Elas podem ser uma coisa tão simples quanto acordar de repente e compreender algo sobre nós mesmos que sempre existiu, mas nunca tínhamos percebido. Por exemplo, recentemente descobri um dos motivos para meu apetite voraz por conhecimento. Ele não é fruto somente da curiosidade, mas também do medo. Quando criança, lembro que tinha medo de muitas coisas. Talvez como meio de combater a insegurança e a incerteza, decidi aprender o máximo que pudesse para tentar construir um modelo “previsível” da realidade. Dessa forma eu achava que poderia prever qualquer eventualidade capaz de causar dor. Era uma condição infeliz. Eu vivia em um estado de medo constante por causa da forma como interpretei acontecimentos ocorridos na minha infância. Entretanto, recentemente me veio a idéia de que se não fosse por aquele medo, eu jamais teria obsessão pelo conhecimento. No momento em que atingi essa compreensão, fiquei absolutamente grato por todas as experiências “difíceis”. Naquele momento, minha versão do passado mudou para sempre. Isso é o que eu chamo de mudança de paradigma. Novos olhos enxergando uma situação antiga.

— MARK

Repercussões do paradigma newtoniano

O modelo materialista da realidade há tempos deixou de ser “teoria” para se tornar a base implícita de qualquer pensamento ou pesquisa. Por quatrocentos anos ele governou a investigação científica e o que o mundo científico está disposto a aceitar como possível ou impossível. Ele nos diz que o universo é um sistema mecânico composto de “blocos estruturais” sólidos, materiais e elementares. Afirma que é real o que é *mensurável* e que só é *mensurável* o que podemos perceber por meio de nossos cinco sentidos ou de qualquer extensão mecânica deles. Defende, ainda, a idéia de que a única maneira válida de se adquirir conhecimento é banir sentimento e subjetividade e se tornar completamente racional e objetivo.

Essa forma de se relacionar com o mundo divide a totalidade da vida humana em mente e corpo e declara sem valor sentimentos, paixões, intuição e imaginação. Transforma a natureza em objeto e nos separa dela. Assim, a natureza se transforma em “recursos” a serem controlados e explorados, em vez de um sistema orgânico vivo a ser cuidado e amparado.

De acordo com o paradigma científico atual, vivemos num universo mecânico, morto. Talvez uma inteligência viva tenha criado e dado movimento a ele (como Newton e outros cientistas acreditavam), mas agora ele é completamente mecânico e previsível. Partindo de um conjunto qualquer de condições iniciais, o resultado estará completamente determinado. Os resultados são inevitáveis.

Agora, mesmo que o movimento dos planetas seja tão previsível quanto a queda das pedras e das maçãs, e o comportamento e a relação dos objetos com o mundo material possam ser quantificados (veremos depois que a física quântica desafiou essas conclusões), afirmar o mesmo sobre a vida humana é degradante e absurdo. Para onde nos levaria esse tipo de vida? Se não existe liberdade, se o caminho está completamente determinado, então o que é a vida? Nesse modelo não há lugar para consciência ou espírito, para liberdade e escolha.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Para mim, a grande mudança de paradigma tem a ver comigo (aqui dentro) e o resto do universo (lá fora). Se somos apenas soldadinhos movidos a corda, como relógios, em um universo que faz tique-taque, então por que eu deveria me importar com o que acontece fora de mim? Essa é a atitude que torna fácil bombardear pessoas, esgotar recursos e condenar as gerações futuras a um mundo miserável. Por outro lado, quando expando minhas fronteiras no tempo e no espaço, tudo é diferente. Na prática, isso significa que em vez de, por preguiça, deixar a luz acesa a noite toda, penso na quantidade de carvão ou petróleo queimada para manter acesa aquela lâmpada, penso no seu processo de fabricação, no buraco da camada de ozônio e em como dentro de três gerações não vai sobrar mais nada.

É impressionante como alguém pode se preocupar o dia inteiro com a próxima refeição e não se preocupar com o que as pessoas comerão daqui a cem anos. Os alces que pastam no meu prado passam de uma moita para a próxima, sem nunca comer TODAS as sementes. Eles também não usam relógio.

—WILL

A reação do sistema

Tal como nos séculos XVI e XVII, a época de Copérnico, Newton e dos outros pioneiros do modelo científico, os elementos conservadores da sociedade não se limitam a recusar esse novo conhecimento; eles fazem firme oposição a ele. A ortodoxia dominante está rigidamente entrincheirada e não admite a menor mudança. Em nossos dias, as autoridades eclesiásticas foram substituídas por indivíduos (nem todos) que, em vez de utilizar o método testado e aprovado de queimar na fogueira, usam o poder das universidades, das agências governamentais de fomento e da mídia de mentalidade estreita. Essas pessoas, em vez de ameaçarem a *vida* propriamente dita daqueles cientistas “heréticos”, ameaçam seu *meio de vida* demitindo-os, negando-lhes promoções ou nomeações, retendo o dinheiro de pesquisa, ridicularizando aqueles cujas idéias e projetos de pesquisa não se encaixam nos limites aceitáveis.

Amit Goswami tem esperança. Ele acredita que a oposição não é necessariamente um mal. “Quem faz oposição tem alguma coisa significativa a declarar. Ninguém rejeita alguma coisa até julgar se ela é uma bobagem; um mero exame superficial será suficiente para eliminar as bobagens. Porém quando as coisas se tornam significativas e um exame superficial já não resolve, aí é quando você endurece e quer excluir o outro, porque ele é perigoso demais. Assim, a percepção de que os cientistas alternativos estão obtendo bons resultados nos campos em que atuam já está [causando impacto] sobre o mundo da ciência tradicional. E é por isso que a polarização é um bom sinal de que estamos progredindo.”

A evolução dos paradigmas científicos

Uma das grandes verdades sobre os paradigmas é que *eles mudam*. Na ciência, que é uma construção na qual uma geração se edifica em cima do trabalho dos que vieram antes, o para-

digma do conhecimento evolui à medida que as visões antigas se revelam incompletas ou incorretas. Ora devagar, ora esperando e gritando, a grandeza da ciência é que ela *avança*! A ciência avança inexoravelmente, construindo uma nova visão, uma nova estrutura, tendo como base a estrutura do passado.

Às vezes o modelo vigente entra em choque com o avanço do conhecimento e sai machucado. Quando isso acontece, seja com o apoio, seja na contracorrente dos poderes estabelecidos, o modelo vigente dá lugar a um novo.

O doutor Hagelin descreveu assim esse processo:

Dentro do progresso da ciência ocorrem estágios de compreensão e de evolução do conhecimento. Cada um deles traz a própria visão, o próprio paradigma, de acordo com o qual as pessoas agem, dentro do qual os governos nascem, os países surgem, as constituições são escritas, as instituições são estruturadas, a educação é criada. Dessa forma, mundos evoluem de paradigma para paradigma à medida que o conhecimento progride. Cada era tem visão de mundo e paradigma característicos, e no fim das contas um conduz o outro.

O PARADIGMA DOS PARADIGMAS

Juntamente com muitos cientistas de vanguarda, William Tiller bateu de frente com o preconceito vigente. Ele declara: “Certo, nós fizemos experiências envolvendo a intenção e elas são muito sólidas... Por que a ciência não nos apóia? Isso é mesmo muito triste. Em sua maioria, os cientistas se trancaram de tal forma no paradigma convencional e no modo convencional de ver a natureza que construíram uma prisão em torno deles mesmos. Se você produzir dados experimentais que violam os preceitos deles, eles querem que aquilo desapareça, e por isso varrem os dados para baixo do tapete. Eles não deixam que você publique. Tentam blo-

Acredito que a tendência de maior alcance na época atual é uma mudança que está brotando em nossa visão compartilhada do universo — deixamos de pensar nele como morto para experimentá-lo como coisa viva. Quando vemos o universo como algo vivo e vemos a nós mesmos continuamente sustentados dentro dessa vida, percebemos que estamos intimamente relacionados a tudo o que existe. Essa percepção (...) representa uma nova maneira de ver o mundo e de se relacionar com ele. Ela supera a profunda separação que marcou nossas vidas.

—Duane Elgin



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

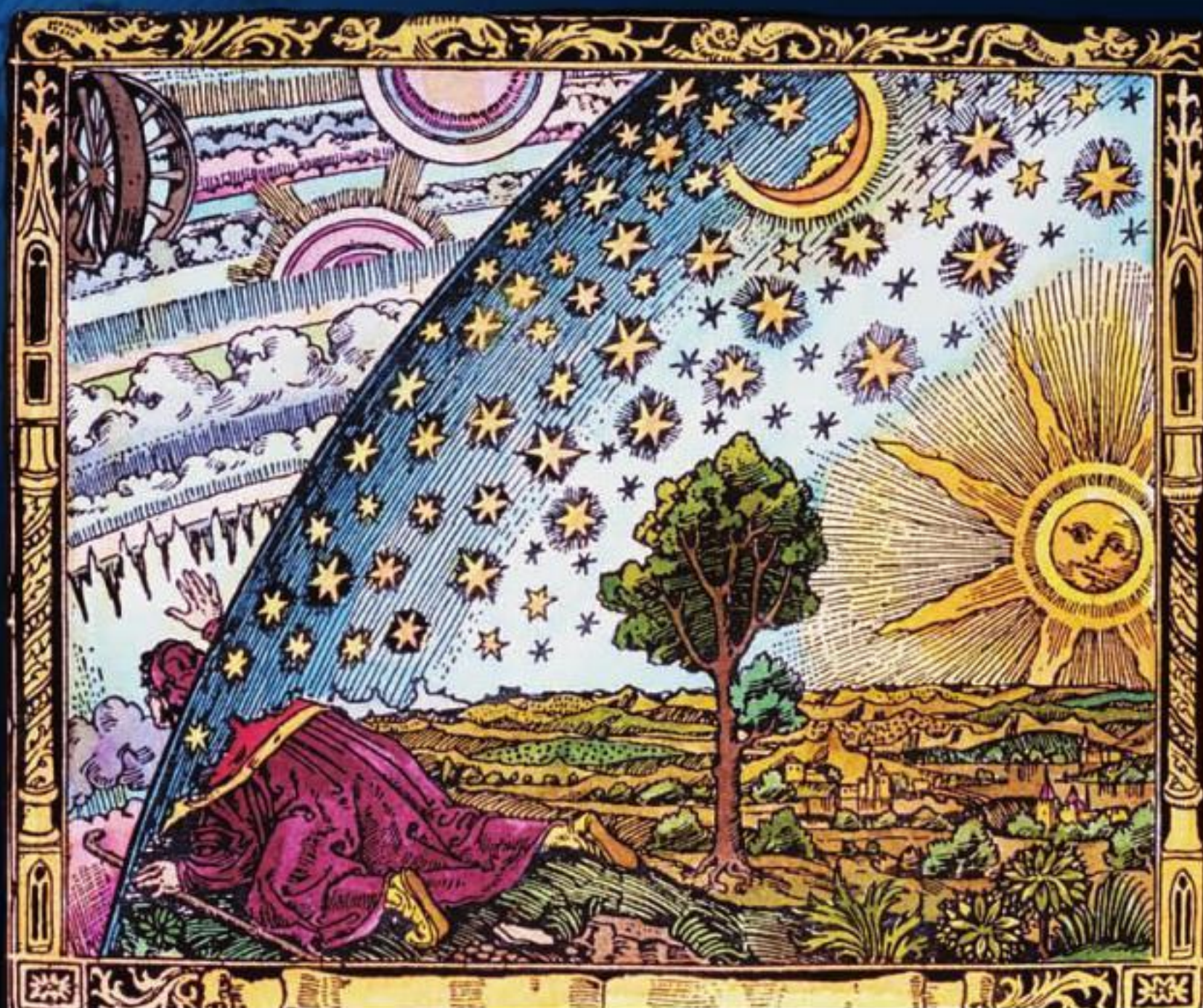


You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

O QUE É REALIDADE?

O que eu pensava ser irreal, agora me parece em alguns aspectos mais real do que o que eu considero real, que agora parece irreal.

FRED ALAN WOLF





You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Para ir mais fundo

Muito antes dos filósofos gregos — e certamente dos físicos quânticos — os sábios da Índia sabiam que alguma coisa importante acontecia fora do domínio dos sentidos. Os videntes, tanto hindus quanto budistas, ensinavam e ainda ensinam que o mundo das aparências, o que percebemos por meio de nossos sentidos, é *maya* ou ilusão, e que existe alguma coisa subjacente ao reino material, algo mais poderoso e mais fundamental, mais “real”, apesar de intangível. Como sugerem tantos textos espirituais, existe uma “realidade superior”, mais fundamental que o universo material, relacionada à consciência.

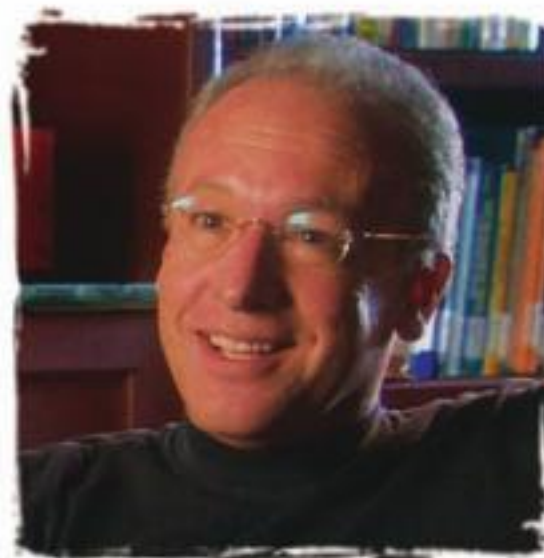
Isso é exatamente o que a física quântica está revelando. Ela sugere que no núcleo do mundo físico existe um domínio completamente não-físico, que pode ser chamado de informação, de ondas de probabilidade ou de consciência. E, embora digamos que tudo é feito de átomos, se a visão quântica estiver correta seremos obrigados a admitir que esse campo subjacente de inteligência é, na essência, o que o universo “realmente” é.

O doutor Edgard Mitchell, astronauta da Nasa, na viagem de volta do espaço, chegou à seguinte conclusão:

Logo percebi que esse universo é inteligente. Ele está avançando em uma direção, e temos algo a ver com ela. E aquele espírito criativo, a intenção criativa que fez a história desse planeta, vem de dentro de nós e está lá fora — tudo é o mesmo...

A consciência propriamente dita é o que é fundamental, e a energia-matéria é o seu produto (...) Se mudarmos de opinião sobre quem somos — e nos olharmos como seres criativos e eternos, criando a experiência física, unidos por esse nível da existência que chamamos consciência — então começaremos a ver e a criar de forma diferente esse mundo em que vivemos.¹

¹ E o doutor Mitchell fez isso. Ele voltou à Terra e criou o Instituto de Ciências Noéticas (IONS), instituto de pesquisa dedicado a investigar cientificamente percepções “místicas”, dele mesmo e de outros, sobre a realidade.



Não há essencialmente nada na matéria — ela é completamente insubstancial. A coisa mais sólida que se pode dizer a respeito de toda essa matéria insubstancial é que ela é mais como um pensamento; é como um bit concentrado de informações.

—Jeffrey Satinover, médico



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Pense um pouco nisto...

- Quais são as suas pressuposições sobre a realidade? Qual é o pressuposto mais básico que você faz todo dia?
- Alguma vez você pensou sobre de que são feitos os pensamentos?
- Você pode dar um exemplo de como seus pensamentos se tornam realidade?
- Escrever uma resposta para a pergunta anterior é um exemplo?
- O que são sonhos? Se tanto sonhar quanto perceber são atividades primárias do cérebro, por que achar que o mundo exterior é mais real?
- Qual dessas situações parece mais real?
- Qual é a diferença entre a realidade e a sua percepção da realidade?
- Como uma mudança no seu paradigma alterará sua percepção da realidade?
- É possível mudar sua percepção da realidade sem mudar seu paradigma?
- De que cor estão suas lentes agora?





You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

dade, pintando as folhas de cada árvore que você vê. Para tanto, ele associa as imagens a lembranças, ou redes neurais, de folhas, cores, tamanhos e formas, e de alguma maneira as reúne.

Se tudo isso parece tão chocante e tão contrário à forma como nos movemos pelo mundo, como os neurofisiologistas chegaram a esse esquema?

Isso no seu rosto é um nariz?

Os cientistas descobriram como o cérebro constrói imagens visuais pelo estudo de pacientes que sofreram derrame. Após o derrame, uma pequena parte do cérebro parava de funcionar. Então, os cientistas podiam ver como o sentido da visão tinha sido afetado.

Um exemplo é o caso de pacientes cujo derrame afetou uma pequena parte da área do cérebro responsável pelo processamento visual, a parte que (aparentemente) processa narizes. Esses pacientes não conseguiam enxergar narizes. Eram capazes de ver todos os detalhes de uma pessoa, porém, se entrasse alguém usando um grande nariz vermelho de palhaço, quando se perguntava a eles o que havia de diferente, nunca mencionavam o nariz. Mesmo quando provocados — “Cara, o Bob tem um tremendo nariz!” — reagiam como se não houvesse nada de extraordinário. Todo o resto eles percebiam perfeitamente, portanto evidentemente os olhos estavam mandando todos os sinais ao cérebro. Em lugar de efetivamente ver o nariz (mesmo de palhaço), eles apenas viam o que julgavam que o nariz da pessoa “deveria” ser.

Também há evidências, embora menos dramáticas, de que é o cérebro — e não os olhos — quem realmente vê: não existem receptores visuais no local em que o nervo óptico sai do globo ocular para chegar à parte posterior do cérebro. Portanto, poderíamos esperar que, ao fechar o olho, pudéssemos ver um ponto negro no centro, mas nunca o vemos. Isso acontece porque quem pinta a imagem é o cérebro, e não o olho.





You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

nosso paradigma e despertar para uma vida mais rica, precisamos de novas experiências.

Por exemplo, quando foi a última vez que você provocou a própria mente? Que você fez algo tão escandalosamente diferente que ficou de boca aberta, pensando: “Não acredito que fiz isso.”

Em *Viagem a Ixtlan*, Carlos Castaneda descreve uma das lições de don Juan: “Espreitar a si mesmo.” Ou seja, estudar os próprios hábitos como se espreitasse uma presa, de modo a se apanhar fazendo coisas habituais e então fazer algo totalmente novo.

De volta às velhas perguntas: se só percebemos o que conhecemos, como iremos perceber algo novo? Se é você quem se faz, como poderá criar um novo você?

Quando compreendemos que só conseguimos experimentar a vida dentro das fronteiras do que já sabemos, torna-se óbvio que se quisermos ter uma vida mais abrangente e mais rica, com mais oportunidades de crescimento, realizações e felicidade, precisaremos nos empurrar para a frente, fazendo grandes perguntas, experimentando novas emoções e armazenando mais dados em nossas redes neurais.

Nós criamos o nosso mundo

O resultado, pelo menos para a ciência, é: Nós criamos o mundo que percebemos. Quando abro os olhos e olho em torno, não vejo “o mundo”, mas o que meu equipamento sensorial consegue perceber, o que meu sistema de crenças me permite ver, o que minhas emoções desejam ou não ver.

Apesar de resistirmos e desejarmos acreditar num “mundo real” que podemos perceber e com o qual concordamos, o fato é que freqüentemente — talvez sempre — pessoas diferentes percebem as mesmas coisas de forma completamente diferente. Por exemplo, quando um crime é descrito por várias testemunhas (como no filme clássico japonês *Rashomon*), as versões “do que realmente aconteceu” diferem radicalmente,

Recentemente ouvi a história sobre a seguradora que tentava analisar um problema específico em Saskatchewan: pilotos de aeronaves pequenas, quando tinham problemas com o motor, tentavam aterrissar na auto-estrada mais próxima e relativamente mais vazia. Depois de aterrissar e reduzir a velocidade, eles raramente deixavam velocidade suficiente para sair da estrada. (Provavelmente estavam felizes só por estarem vivos.) Frequentemente, motoristas batiam os carros contra os aviões e, quando questionados pela polícia, quase sempre diziam que não tinham visto a aeronave. Num momento eles estavam dirigindo; no momento seguinte, haviam se chocado contra alguma coisa. A companhia de seguros descobriu a razão para isso ocorrer: a última coisa que um motorista espera ver numa auto-estrada é um avião, portanto eles nunca os vêem.

—MARK



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



Ludwig Fleck, o epistemologista e microbiologista polonês que incutiu em Thomas Kuhn a idéia do paradigma, percebeu que quando os novos alunos recebem uma lâmina para examinar ao microscópio, inicialmente são incapazes de fazê-lo. Eles não conseguem ver o que está na lâmina.

Por outro lado, eles freqüentemente vêem algo que não está ali. Como isso pode acontecer? A resposta é simples: toda percepção, principalmente as formas mais sofisticadas, exige treinamento e desenvolvimento rigorosos. Depois de um tempo, todos os estudantes começam a ver o que está ali para ser visto.

A FÍSICA QUÂNTICA

*Acho que posso afirmar com segurança que ninguém
entende a mecânica quântica.*

RICHARD FEYNMAN

Ganhador do Prêmio Nobel de 1965 pelo desenvolvimento
da eletrodinâmica quântica

$$\frac{\hbar^2}{2m} \frac{\partial^2 \psi(x,t)}{\partial x^2} + U(x) \psi(x,t) = i\hbar \frac{\partial \psi(x,t)}{\partial t}$$

$$\frac{dA}{dt} = \frac{1}{i\hbar} [A, H]$$



**Quem não se sentiu abalado quando teve
contato pela primeira vez com a teoria quântica
não pode tê-la entendido.**

—Niels Bohr,
ganhador do Prêmio Nobel de 1922 por
seu trabalho sobre a estrutura do átomo

Se ganhadores do Prêmio Nobel não entendem a teoria quântica, que esperança nos resta? O que podemos fazer quando a realidade bate à nossa porta e nos diz coisas desconcertantes, desafiadoras e enigmáticas? Nossas reações, a forma como procedemos na vida e nossas opiniões dizem muito a nosso respeito, mas esse é um mistério para um capítulo mais adiante. Neste momento, vamos trocar idéias a respeito de elétrons, fótons e quarks, e de como alguma coisa (se é que se trata de uma *coisa*!) tão pequena pode ser tão insondável e capaz de dilacerar nosso mundo organizado e inteligível.

Por um lado, essa é uma teoria extremamente paradoxal, instigante, conceitualmente confusa. Por outro lado, não temos a opção de jogá-la fora ou deixá-la de lado porque, das ferramentas que já tivemos nas mãos, ela é comprovadamente a mais poderosa para prever o comportamento dos sistemas físicos.

—David Albert, Ph.D.

O conhecido encontra o desconhecido

A física clássica newtoniana teve por base as observações de objetos sólidos e conhecidos que fazem parte da experiência trivial, como maçãs que caem e planetas que descrevem órbitas. Suas leis foram repetidamente testadas, aprovadas e ampliadas ao longo de vários séculos. Elas foram muito bem compreendidas e realizaram um excelente trabalho na previsão do comportamento físico — como foi visto no triunfo da Revolução Industrial. Porém no final do século XIX, quando

os físicos começaram a desenvolver as ferramentas para investigar os domínios da matéria em escala muito pequena, descobriram um fato espantoso: a física newtoniana não conseguia explicar nem prever os resultados encontrados.

Durante os cem anos seguintes, uma descrição científica inteiramente nova foi desenvolvida para explicar o mundo do muito pequeno. Conhecido como mecânica quântica ou física quântica (ou simplesmente teoria quântica), esse conhecimento novo não *substitui* a física newtoniana, que ainda explica muito bem os objetos macroscópicos. Pelo contrário, a nova física foi inventada para (corajosamente) ir aonde a física newtoniana não chegava: ao mundo subatômico.

“O universo é muito estranho”, afirma o doutor Stuart Hameroff. “Aparentemente existem dois conjuntos de leis governando-o. Em nosso mundo diário (...), ou seja, (...) na nossa escala de tamanho e tempo, as coisas são descritas pelas leis do movimento, de Newton. Contudo, indo para uma escala pequena, no nível do átomo, um conjunto diferente de leis assume o controle: as leis quânticas.”

Fato ou ficção?

O que a teoria quântica revelou é tão espantoso que mais parece ficção científica: as partículas podem estar em dois ou mais lugares ao mesmo tempo. (Uma experiência muito recente mostrou que uma partícula pode estar em até 3 mil lugares!) O mesmo “objeto” pode aparentar ser uma partícula, localizada em um lugar determinado, ou uma onda, espalhada pelo espaço e pelo tempo.

Segundo Einstein, nada pode se deslocar mais rápido do que a velocidade da luz, mas a física quântica demonstrou que partículas subatômicas parecem se comunicar *instantaneamente*, seja qual for a distância entre elas.

A física clássica era *determinística*: se conhecermos qualquer conjunto de condições de um objeto (tal como sua posição e

O termo *quantum* foi aplicado na ciência pela primeira vez pelo físico alemão Max Planck, em 1900; é uma palavra do Latim que significa simplesmente *quantidade*, mas é usada para representar a menor unidade de qualquer propriedade física, tal como energia ou matéria.



Se você quer identificar uma das profundas diferenças filosóficas entre a mecânica clássica e a mecânica quântica, [é o fato de] a mecânica clássica estar construída desde a base em torno do que sabemos ser uma fantasia: a possibilidade de se observar passivamente as coisas (...) A mecânica quântica acaba definitivamente com isso.

—David Albert, Ph.D.

velocidade), poderemos determinar com certeza para onde ele está indo. A física quântica é *probabilística*: nunca sabemos com certeza absoluta como uma coisa específica vai terminar.

A física clássica era *reducionista*: partia da premissa de que somente conhecendo as partes era possível eventualmente compreender o todo. A nova física é mais orgânica e *holística*: pinta o universo como um todo unificado cujas partes são interconectadas e se influenciam mutuamente.

O mais importante talvez seja que a física quântica apagou a distinção cartesiana rígida entre sujeito e objeto, observador e observado, que dominou a ciência por quatrocentos anos.

Na física quântica, o observador *influencia* o objeto observado. Não há os observadores isolados de um universo mecânico; tudo *participa* do universo. (Isso é tão importante que será tratado num capítulo à parte.)

Desafio à mente nº 1 — O espaço vazio

Uma das primeiras fendas na estrutura da física newtoniana foi a descoberta de que os átomos, os blocos estruturais supostamente sólidos de que é feito o universo físico, eram predominantemente compostos de espaço vazio. Em que grau? Se usássemos uma bola de basquete representando o núcleo de um átomo de hidrogênio, o elétron que gira em seu redor estaria a aproximadamente 32km — e todo o espaço entre eles, vazio. Portanto, ao olhar em torno, lembre-se de que à sua frente na realidade estão minúsculos pontos de matéria cercados de nada.

Não exatamente. Esse suposto “vazio” não está vazio: contém quantidades enormes de energia já que ela aumenta à medida que descemos a níveis mais sutis da matéria (a energia nuclear é um milhão de vezes mais poderosa que a energia química). Os cientistas dizem haver mais energia em 1cm³ de espaço vazio do que em toda a matéria do universo conhecido. Embora eles não tenham obtido diretamente essa medida, viram os efeitos desse imenso mar de energia.¹

¹ Para saber mais, pesquise “forças de Van der Waals” e “efeito Casimir”.

Desafio à mente nº 2 — Partícula, onda ou partícula-onda?

Não somente existe “espaço” entre as partículas, mas os cientistas descobriram que as partículas subatômicas (constituintes do átomo) também não são sólidas, e parecem ter uma natureza dual. Dependendo de como são examinadas, podem se comportar como partículas ou ondas. Uma partícula é um objeto independente, sólido, com uma localização específica no espaço. As ondas, por outro lado, não são sólidas e não estão num determinado local, mas espalhadas como as ondas sonoras ou as ondas na água.

No estado de onda, elétrons e fótons (partículas de luz) não têm localização precisa, existem como “campos de probabilidade”. No estado de partícula, esse campo “colapsa”, produzindo um objeto sólido, localizado no espaço e no tempo.

Assim, a diferença está na observação ou mensuração. Elétrons que não são medidos ou observados comportam-se como ondas. Submetidos à observação, “colapsam” na forma de partícula e podem ser localizados.

Como algo pode ser tanto partícula sólida quanto onda flutuante? O paradoxo se resolve se recordarmos que as partículas *se comportam* como onda ou partícula. Mas “onda” e “partícula” são simples analogias. O conceito de onda foi consolidado na teoria quântica por Erwin Schrödinger, que resumiu em sua famosa “equação de onda” as probabilidades ondulatórias da partícula antes da observação.

Deixando claro que não sabiam com o que estavam lidando, e que nunca tinham visto nada igual, alguns físicos decidiram chamar o fenômeno de “partícula-onda”.

Desafio à mente nº 3 — Salto quântico e probabilidade

Quando estudavam o átomo, os cientistas descobriram que os elétrons, quando passam de uma órbita para outra em

DENTRO DA TOCA DAS PARTÍCULAS

Enquanto Schrödinger formulava sua equação de onda, Werner Heisenberg solucionava o mesmo problema usando álgebra matricial avançada. Mas a solução matemática era obscura, não guardava relação com experiência humana e não soava tão bem quanto “onda”, de modo que as “transformações matriciais” foram abandonadas. É tudo apenas uma analogia.

Essa ciência é espantosa! Para começar, ela funciona como magia, da mesma forma como eu via as coisas funcionarem, quando criança. Assim, o que dizer daquele garoto, com seus sonhos e fantasias? Ele estava alucinando? Talvez. Mas, de fato, mecânica quântica parece magia. A questão é: onde fica a linha divisória entre o estranho mundo quântico e o mundo em larga escala, aparentemente sólido? Sempre me perguntei: se sou feito de partículas subatômicas que fazem coisas muito estranhas (...), também posso fazer coisas muito estranhas?

—MARK

Quando um “objeto” subatômico está no estado de onda, o que ele se tornará quando for observado e se tornar localizado é incerto. Ele existe em um estado de múltiplas possibilidades. Esse estado é chamado de *superposição*. É como jogar cara-ou-coroa dentro de um quarto escuro.

Matematicamente, mesmo depois que a moeda tiver caído sobre a mesa, não podemos dizer se o resultado é cara ou coroa. Entretanto, assim que acendemos a luz, a superposição “colapsa” e a moeda se revela cara ou coroa. Tal como o ato de acender a luz, o ato de medir a onda faz entrar em colapso a superposição mecânica quântica, e a partícula aparece em um estado mensurável, “clássico”.

torno do núcleo, não se deslocam pelo espaço da forma como outros objetos — pelo contrário, eles se deslocam *instantaneamente*. Isso é, desaparecem de um lugar, uma órbita, e aparecem em outra. A isso se chama *salto quântico*.

Como se isso não quebrasse um número suficiente de regras do senso comum, os cientistas também descobriram que não conseguiam determinar exatamente onde os elétrons iriam aparecer ou quando eles iriam saltar. O máximo que podiam fazer era determinar as probabilidades (equação de onda de Schrödinger) da nova posição do elétron. “A realidade que experimentamos está constantemente sendo criada de novo, a cada momento, de dentro desse estoque de possibilidades,” comenta o doutor Satinover, “mas o verdadeiro mistério nisso tudo é que, de dentro desse estoque de possibilidades, a que acontecerá é determinada por alguma coisa que *não é parte do universo físico*. Não existe um processo que faça aquilo acontecer.” Ou seja: os eventos quânticos são os únicos verdadeiramente aleatórios no universo.

Desafio à mente nº 4 — O princípio da incerteza

Na física clássica, todos os atributos de um objeto, incluindo sua posição e velocidade, são medidos com uma precisão limitada apenas pela tecnologia. No nível quântico, porém, sempre que se mede uma propriedade, como a velocidade, não é possível ter uma medida precisa de outras, como a posição. Ao se saber onde algo está, não se sabe sua velocidade de deslocamento. E não importa o grau de sutileza ou de avanço da tecnologia, é impossível penetrar no véu que encobre a exatidão.

O princípio da incerteza (ou princípio da indeterminação) foi formulado por Werner Heisenberg, um dos pioneiros da física quântica, e estabelece que não é possível obter a um só tempo a medida precisa da velocidade e a da posição de uma partícula. Quanto mais nos focalizamos em uma propriedade, mais a medição da outra se perde na incerteza.

Desafio à mente nº 5 — Não-localidade, EPR, teorema de Bell e emaranhamento quântico

Albert Einstein não gostou da física quântica (para dizer o mínimo). Sobre o conceito de aleatoriedade descrito, ele disse: “Deus não joga dados com o universo.” Niels Bohr respondeu: “Pare de dizer a Deus o que fazer!”

Em 1930, numa tentativa de derrotar a mecânica quântica, Einstein, Podolsky e Rosen (EPR) propuseram um experimento intelectual que pretendia mostrar como essa teoria era absurda. Habilmente, eles usaram uma implicação controversa da física quântica: imagine duas partículas criadas ao mesmo tempo, o que implica elas estarem emaranhadas, ou superpostas. Então, deve-se dispará-las para lados opostos do universo. A seguir, você faz algo que altere o estado de uma das partículas; instantaneamente, a outra se alterará para adotar um estado correspondente. Instantaneamente!

Essa idéia era tão ridícula que Einstein se referiu a ela como “ação fantasmagórica a distância”. Segundo a teoria da relatividade, nada pode se deslocar a uma velocidade superior à da luz. Isso era infinitamente mais veloz! Além disso, a idéia de que um elétron pudesse saber o que estava acontecendo a outro, do outro lado do universo, violava qualquer senso de realidade.

Então, em 1964, John Bell criou uma teoria estabelecendo que a assertiva de EPR está correta. Eis o que acontece: a idéia de alguma coisa ser localizada, ou existente em um único lugar, está incorreta. Tudo é não-localizado. As partículas estão intimamente ligadas em um nível *além do tempo e do espaço*.

Após a publicação do teorema de Bell, essa idéia foi confirmada inúmeras vezes em laboratório. Faça um esforço e envolva sua mente nela por um instante. O tempo e o espaço, as características mais básicas do mundo em que vivemos, são substituídos no mundo quântico pelo conceito de tudo estar se tocando o tempo todo. Não admira Einstein ver aí o tiro de misericórdia na mecânica quântica — a teoria não faz sentido.

Para mim, a pergunta interessante não é: “Por que a teoria quântica é tão interessante?”, mas, “Por que TANTAS PESSOAS estão interessadas na teoria quântica?” Ela desafia nossas idéias sobre a forma como é o mundo; ela nos diz que as coisas mais óbvias que SABEMOS ser verdadeiras simplesmente não o são. Entretanto, ela cativa milhões de pessoas que supostamente “não são nada científicas”.

—WILL

Devo ter enlouquecido Mark e Will. Eu costumava perguntar um milhão de vezes por dia: “Que &%!*@ isso tem a ver comigo?! Por que eu devo me incomodar com esse mundo louco da quântica? Meu mundo já é bastante louco!” Ainda não tenho certeza de ter entendido tudo. Foi Fred Alan Wolf quem disse: “Se você acha que entendeu, você não escutou nada!” O que adquiri de toda essa bobagem quântica foi gostar do caos, aceitar o desconhecido, pois daí podem surgir grandes experiências!

—BETSY

Qual é o som de um elétron colapsando?

Apesar disso, esse fenômeno parece ser uma lei que opera no universo. De fato, Schrödinger foi citado como tendo declarado que o emaranhamento não é *um* dos aspectos mais interessantes da teoria quântica; é *o* aspecto mais interessante. Em 1975, o físico teórico Henry Stapp chamou o teorema de Bell de “a descoberta mais profunda da ciência”. Repare que ele disse da *ciência*, não somente da *física*.

A física quântica e o misticismo

Deve estar ficando fácil ver por que física e misticismo se cruzam. Coisas separadas, mas sempre se tocando (não-localidade); elétrons que se movem de A para B sem nunca passar entre esses pontos; matéria que parece (matematicamente) ser uma função de onda distribuída e que só entra em colapso, ou adquire existência espacial, quando é medida.

Os místicos não parecem ter problema com essas idéias, muitas delas anteriores aos aceleradores de partículas. Muitos dos fundadores da teoria quântica tinham grande interesse nas questões espirituais. Niels Bohr usava em seu brasão o símbolo yin/yang; David Bohm manteve longas discussões com o sábio indiano Krishnamurti; Erwin Schrödinger dava palestras sobre os upanixades.

Mas a teoria quântica prova a visão mística? Se você perguntar aos físicos, obterá respostas de todo tipo. Faça essa pergunta em um coquetel para físicos, defendendo enfaticamente uma das visões, e você poderá (afinal, a física quântica é probabilística) se ver fisicamente agredido.

Com exceção dos materialistas convictos, todos parecem concordar que estamos no estágio da analogia, que os paralelos são impressionantes demais para serem ignorados, que a disposição para manter uma visão paradoxal do mundo é a mesma, tanto no mundo quântico quanto no zen. Diz o doutor Radin: “Há uma forma alternativa de pensar sobre o mundo; ela é indicada pela mecânica quântica.”

As dúvidas sobre o que causa o colapso da função de onda ou se os eventos quânticos são realmente aleatórios ainda estão em grande parte sem resposta. Porém, embora seja grande o anseio pela produção de um conceito realmente unificado da realidade, que necessariamente nos inclua e responda a todos os mistérios quânticos, o filósofo contemporâneo Ken Wilber aconselha cautela:

O trabalho desses cientistas — Bohm, Pribram, Wheeler e outros — é importante demais para ser oprimido por especulações imprudentes sobre misticismo. E o próprio misticismo é profundo demais para ser atrelado a fases da teorização científica. Deixemos que eles se apreciem um ao outro, e que o diálogo e a troca mútua de idéias nunca cesse...

Portanto, quando critico certos aspectos do novo paradigma, meu objetivo definitivamente não é impedir o interesse por novas tentativas. É antes de tudo fazer um apelo em favor da precisão e da clareza na apresentação de temas que são, no fim das contas, extraordinariamente complexos.²

Conclusões

Conclusões? Você só pode estar brincando! Por favor, se você tiver alguma conclusão, corra com ela. Apesar disso, bem-vindo ao mundo controvertido, excitante, instigante e revelador do pensamento abstrato. Ciência, misticismo, paradigmas, realidade — veja o que nós, humanos, investigamos, descobrimos e discutimos.

Veja como a mente humana explorou esse estranho mundo onde aparentemente nos encontramos.

Essa é a nossa verdadeira grandeza.

² Ken Wilber. *O paradigma holográfico e outros paradoxos* (Cultrix: 1994).



Estamos de pé sobre os ombros de bilhões de vidas genéticas que nos dão esse corpo geneticamente perfeito, esse cérebro geneticamente perfeito que levou milhares de anos para evoluir, de modo a podermos manter essa conversação abstrata. Se estamos aqui para sermos corporificados na maior máquina evolucionária que já existiu — nosso corpo e nosso cérebro humano —, então adquirimos o direito de perguntar “e se...”

—Ramtha



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Brian Greene escreve em *O tecido do cosmo*: “De acordo com essa visão, quando medimos a posição de um elétron, não estamos medindo um aspecto objetivo e preexistente da realidade. Pelo contrário, o ato de medir se confunde profundamente com a criação da própria realidade que medimos.” Fritjof Capra conclui: “O elétron não tem propriedades objetivas que independam da minha mente.”

Tudo isso torna nebulosa a distinção, antes clara, entre o “mundo lá fora” e o observador subjetivo. Ambos parecem se mesclar e dançar juntos no processo de descobrimento — ou será de criação? — do mundo.

O problema da medida

Na atualidade, chama-se esse efeito da observação de problema da medida. Embora as primeiras descrições desse fenômeno tenham incluído o observador consciente, muitas tentativas foram feitas para excluir do problema a controversa palavra “consciente”. Rapidamente surgiram dúvidas sobre o que é ser consciente: se um cachorro olha os resultados de um experimento sobre elétrons, isso fará colapsar a função de onda?

Ao remover a *consciência* do problema, os físicos puderam entender o fato mencionado anteriormente: foi banida para sempre a fantasia de fazer uma medição sem afetar o que está sendo medido. A conhecida “mosca na parede”, que fica ali e não influencia nada, não pode existir.

Para pôr um termo aos problemas de observadores, medições, mente e colapso, foram propostas diversas teorias. A primeira, ainda freqüentemente discutida, é a Interpretação de Copenhague.

A Interpretação de Copenhague

A idéia radical de que o observador tem uma influência inevitável sobre o processo físico observado, de não sermos teste-

Penso que um dos aspectos fantásticos que as pessoas não percebem quando falam sobre o observador é quem ele realmente é. Talvez tenhamos nos habituado tanto com a palavra que não a compreendemos de fato. O observador é todo ser humano, não importa gênero, raça, condição social ou crença. Significa que TODO ser humano tem a habilidade de observar e de alterar a realidade subatômica. Qualquer pessoa, não somente os cientistas em seus ambientes santificados. Essa ciência pertence a todo mundo, porque ela própria é uma metáfora para explicar a NÓS, os seres humanos.

—MARK





You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

ção sobre o que está incluído no sistema físico envolvido no processo 2. *Isso significa que não só os elétrons observados mas também o cérebro do observador pode ser considerado parte da função de onda em evolução.* Isso deu origem a uma quantidade de teorias sobre a consciência, a mente e o cérebro.¹

Na lógica quântica de John von Neumann foi apresentado um aspecto essencial do problema de medida: a decisão do observador é o que faz a medição. Essa decisão limita os graus de liberdade com os quais o sistema físico (tal como os elétrons) pode responder, afetando o resultado (realidade).

Neo-realismo

O neo-realismo foi liderado por Einstein, que se recusou a aceitar qualquer interpretação de que a realidade cotidiana não existe por si mesma, independente de nossas observações e medições. Segundo a proposta dos neo-realistas, a realidade consiste nos objetos familiares à física clássica, e os paradoxos da mecânica quântica revelam que a teoria está incompleta e falha. Essa visão também é conhecida como interpretação das “variáveis ocultas” da mecânica quântica, pois considera que, uma vez descobertos todos os fatores ausentes, os paradoxos desaparecerão.

A consciência cria a realidade

Essa interpretação leva a extremos a idéia de que o ato consciente de observação é o fator chave na formação da realidade. Isso é dar a ele um papel especialmente privilegiado no colapso do possível para formar o real. A maioria dos físicos convencionais considera essa interpretação como pouco mais do que uma aspiração da mentalidade da Nova Era e como uma interpretação nebulosa do problema da medida.

¹ Henry Stapp, *The Mindful Universe*. Esse tópico é tratado no capítulo “O cérebro quântico”.

A mim parece que a teoria neo-realista afirma:

“Sabemos que a quântica está errada porque não a compreendemos (paradoxos), e estamos certos porque pensamos assim (é o que diz o bom senso), e temos certeza de que quando soubermos mais (descobriremos variáveis ocultas) ficará provado que estamos certos.”
Isso é mais ou menos como:
“Sabemos que Elvis ainda está vivo; apenas ainda não o encontramos.”

—WILL



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Não é surpresa, então, que práticas como “Um curso em milagres” destaquem *o perdão* como o elemento importante para mudar o presente. E pense nos ensinamentos de Jesus — o quanto ele ensinou o perdão. E ensinou sobre a percepção: “Antes de reparares no cisco no olho de teu irmão, retira primeiro a trave do teu olho.” E a observação máxima: “Ama a teu próximo como a ti mesmo.”

O subtítulo deste livro é “A descoberta das infinitas possibilidades de alterar a realidade diária.” Bem, se a realidade é somente a resposta às perguntas ou atitudes que mantemos na mente, e se essa resposta está no fim de uma longa cadeia de lembranças, percepções e observações, a questão não é como alteramos a realidade. O surpreendente é *por que* mantemos nossa realidade. Na resposta a essa questão está a chave para a mudança.

O problema da medida só é “problema” porque abala radicalmente a idéia de que estamos fora do objeto observado. Mesmo um simples instrumento de medição interage com o sistema medido e o altera. A realidade observada tem uma fluidez que parece contrária ao mundo das xícaras de café e dos lançamentos de mísseis. E, no entanto, esse problema é uma característica fundamental de como todos os aspectos da realidade se entrelaçam.

A palavra de trabalho aqui é “entrelaçar”. Poderíamos dizer conectar, ou emaranhar, ou fazer parte da mesma equação de onda. A idéia da inseparabilidade essencial de todas as coisas está sempre ressurgindo do rol quântico das testemunhas.

E quem somos nós, reles seres humanos, para discutir com um zilhão de elétrons?

Quem causa o colapso do que é muito pequeno? Não se trata de quem, mas de *o quê*. Todas as coisas.

Resta uma pergunta — são apenas *coisas*, ou também *não-coisas*: mente, espírito, consciência? E se as não-coisas também forem tão reais quanto as coisas que fazem colapsar? No mundo das ilusões, a separação entre coisas e não-coisas pode ser aquela ilusão à qual todas as outras se apegam.

“Da perspectiva dos quanta, o universo é um lugar extremamente interativo”, escreveu o ensaísta Dan Winters em um artigo para a revista *Discover*, sob o provocante título: “O universo existe quando não estamos olhando?” O artigo resume a idéia da “gênese pela capacidade de observação”, do físico de Princeton John Wheeler. De acordo com Wheeler (colega de Albert Einstein e Niels Bohr e criador do termo “buraco negro”): “Não somos simplesmente observadores eventuais no cenário cósmico; somos os formadores e criadores vivendo em um universo participativo.”



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

tica, em sua busca por respostas sobre a realidade e a percepção, esbarrou na consciência. “Ela” está sempre conosco: toda percepção de experiência, pensamento, ação e interação se desenrola no campo da consciência.

A consciência é fundamental em tudo o que fazemos — arte, ciência, relacionamentos, vida; é uma constante em nossas vidas. No entanto, a ciência fez pouco para examiná-la a fundo. Segundo Herbert, em seus quase 400 anos de vida, “a ciência fez um imenso progresso na compreensão do universo físico em todas as escalas, do quark ao quasar”, mas a consciência permanece “um buraco negro intelectual”.

Tanto na física quanto na psicologia muitos cientistas ainda vinculados ao paradigma materialista/newtoniano descartam a consciência como mero produto do funcionamento cerebral. (A expressão mais utilizada por eles é *epifenômeno*, o que significa ser essencialmente um efeito colateral ou subproduto.) Basicamente isso sustenta que o eu percebido por você é um acidente da evolução e que, quando o cérebro morre, o acidente desaparece e a embalagem se reúne aos outros envoltórios decompostos no depósito de lixo.

Uma pergunta difícil

Se a consciência é tão importante e fundamental, por que se sabe tão pouco sobre ela? Uma explicação é que isso é como procurar os óculos quando eles estão sobre o nariz — como estão sempre ali, não são vistos. Outra razão é estarmos vivendo uma era extremamente materialista, dominada por uma ciência materialista; em outras palavras, nossa cultura está interessada no que está “lá fora”, e não muito interessada no que se passa “aqui dentro.”

Mesmo quando voltamos a atenção para dentro, estivemos mais interessados no conteúdo da consciência, no material que povoa as redes neurais — pensamento, sonhos, planos, especulações —, do que na consciência propriamente dita.

Muitos de nós aceitamos sem questionamento a palavra e a idéia da consciência. Há essa sensação que me vem, quando olho meu corpo, de que alguma coisa o está dirigindo. Alguma coisa dá vida a meu corpo. Na maioria dos casos, nunca perguntamos o que é essa coisa, porque ela somos nós. Isso foi mais profundamente perceptível nas ocasiões em que saí do corpo e olhei para ele. Num momento assim, vejo a forma de um corpo humano e levo um tempo para reconhecer que sou eu mesmo. Nesses momentos sou algo que ainda existe, “pensa” e tem uma sensação de identidade. Essa experiência está além da linguagem, o que talvez justifique por que ninguém descreveu com sucesso, em palavras, o que é a consciência.

—MARK



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

A revelação da consciência

Muitos cientistas, como Amit Goswami, Peter Russel e David Chalmers (diretor do Centro de Estudos da Consciência da Universidade do Arizona), argumentam energicamente a favor da inclusão da consciência na nova estrutura da ciência. “Se a existência da consciência não pode ser derivada das leis da física”, pondera Chalmers, “uma teoria da física não será uma verdadeira teoria de tudo. A teoria definitiva tem de conter mais um componente fundamental. Para isso, proponho que a experiência consciente seja considerada um aspecto fundamental, que não pode ser reduzido a nada mais básico.”

Nick Herbert chegou a uma conclusão semelhante: “Acredito que a mente é um processo fundamental por si só, tão disseminado e tão profundamente inserido na natureza quanto a luz ou a eletricidade.”

E a ciência, em sua busca constante, vai nessa direção. Stuart Hameroff e Roger Penrose propuseram uma teoria da consciência baseada nos microtúbulos cerebrais. (Vamos abordar essa e outras teorias quânticas no capítulo “O cérebro quântico”.) As universidades estão oferecendo programas de estudos da consciência. Conferências atraem uma platéia diversificada e interessada, composta por cientistas, estudiosos e místicos, todos às voltas com a pergunta aparentemente simples: O que é a consciência? Mas isso não é diferente das disciplinas científicas tradicionais às voltas com a pergunta aparentemente simples: o que é a realidade? Como ocorre em tantos outros casos — são dois lados da mesma moeda.

E Pete Russel acha que pode ser o momento de lançar a questão: “Em vez de partir do princípio de que a consciência emana do mundo material, como faz a maioria dos cientistas, precisamos considerar a visão alternativa, proposta por muitas tradições metafísicas e espirituais, segundo a qual a consciência é considerada um componente fundamental da realidade — tão ou talvez até mais fundamental que o espaço, o tempo e a matéria.”



Penso que a consciência é essa percepção que temos, essa vida interior de experiência que nos diferencia dos robôs e zumbis, os quais podem estar mostrando um comportamento complexo, cuidando de seus assuntos e fazendo coisas, sem ter nenhuma vida interior ou experiência. Eu diria que a consciência é uma sequência de eventos discretos. Esses eventos conscientes — que na realidade são aquele tipo específico de redução de estado quântico que pode ser atribuída a esse limiar no nível fundamental (da geometria espaço/tempo) — ocorrem aproximadamente quarenta vezes por segundo.

—Stuart Hameroff, médico.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

The background of the entire page is a soft-focus image featuring several snowflakes in shades of white and light blue. In the bottom left corner, there is a close-up of a blue flower with multiple petals. The overall lighting is bright and ethereal, with a slight purple and blue tint.

O DOMÍNIO DA MENTE SOBRE A MATÉRIA

Tudo o que somos é resultado do que pensamos. A mente é tudo.

Nós nos tornamos aquilo que pensamos.

BUDA



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

O doutor Radin fala sobre esses experimentos:

No século XVII, quando Francis Bacon estava desenvolvendo o empirismo na ciência, ele (...) mencionou a possibilidade de se usar dados. Cada vez que um dado é lançado, é possível retrair todo o caminho percorrido até chegar aos eventos quânticos que o fizeram cair desta e não daquela forma. Mas, se o dado quicar muitas vezes, o resultado se torna uma incerteza da mecânica quântica.

Quando surgiu a eletrônica, alguém teve a idéia de simular o jogo dos dados usando circuitos eletrônicos. Isso se tornou útil porque ficou fácil medir exatamente o que estava acontecendo, e os resultados podiam ser registrados automaticamente.

Assim, com o uso da eletrônica foi possível deixar que a máquina registrasse as observações, eliminando o erro humano. O resultado foi não só a obtenção de registros mais precisos, mas também uma explosão de experimentos com GEAs.

Uma experiência com números aleatórios conduzida centenas de vezes nas últimas quatro décadas foi o uso de um gerador que produz somente seqüências aleatórias de bits, seqüências de zeros e uns, tal como um cara-ou-coroa. Você simplesmente pede para alguém para pressionar um botão que produzirá 200 bits, mas também pede à pessoa para tentar produzir mais uns do que zeros.

Quando se analisa todo o conjunto da literatura, as centenas de experimentos realizados, você pode fazer uma única pergunta: *faz diferença* o fato de as pessoas estarem tentando gerar uns ou zeros? E a resposta global é sim, faz diferença. De algum modo existe uma correlação entre a intenção e o funcionamento ou o produto dos GEAs. Se você deseja ter mais números um, de alguma forma o gerador produz mais uns do que zeros.

(...) A análise final é de **50 mil para um**. A probabilidade de que não tenha sido por acaso [que os geradores foram nessa direção, a favor da intenção] é de 50 mil para um.

Todo dia acordo e me lembro da minha citação favorita de Ramtha: “A única forma de fazer bem a mim mesma não é pelo que faço a meu corpo — mas pelo que faço à minha mente.”

Em suma, o que eu faço com a minha mente afeta meu corpo, porque é tudo uma coisa só. Isso me lembra de sair da consciência de corpo/mente para a consciência de mente=corpo=realidade

—BETSY



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Quanto à aceitação dessa experiência, o doutor Tiller comenta: “Os cientistas normais têm dificuldades (...) o efeito de turvação entra em cena. Os olhos deles ficam um pouco vidrados, eles preferem mudar de assunto.”

As mensagens da água

O doutor Masaru Emoto fez um grande sucesso com seu livro *Mensagens ocultas na água*, que mostra fotografias surpreendentes de cristais de água congelada depois de submetidos a estímulos não-físicos. Ele começou por expor os cristais de água à música — de Beethoven a rock pesado — e fotografar os resultados. Depois de a música ter claramente afetado o tamanho e a forma dos cristais, ele passou a trabalhar com a consciência. Afinal, a música cria um objeto físico que pode afetar as ondas de matéria-som; mas, e os pensamentos?

O doutor Emoto põe nas garrafas de água rótulos que expressam emoções e idéias humanas. Algumas são positivas, como “Muito obrigado” e “Amor”. Outras são negativas, como “Você me enoja, vou matá-lo.” Contrariando a sabedoria dominante na ciência, a água respondeu a essas expressões, *embora as palavras não tivessem criado uma ação física mensurável*. A água com mensagens positivas formou belos cristais; a com mensagens negativas ficou feia e malformada.

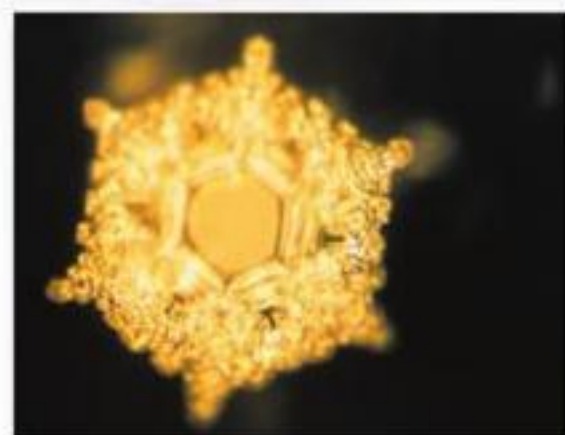
A resposta a essas fotografias foi mundial. Depois de nosso filme, dos livros de Emoto e das incansáveis viagens dele por todo o mundo, dando palestras e participando de congressos, o público solicitou mais informações sobre esses experimentos. Como consequência, pesquisadores científicos estão em atividade, repetindo o experimento. A réplica independente é parte integrante do método científico.

O que une toda a humanidade, toda forma de vida, é a água. De 70% a 90% de nossos corpos são água. A superfície do planeta é principalmente água. Em sua brilhante inspiração, o doutor Emoto vai ao coração do elemento físico comum

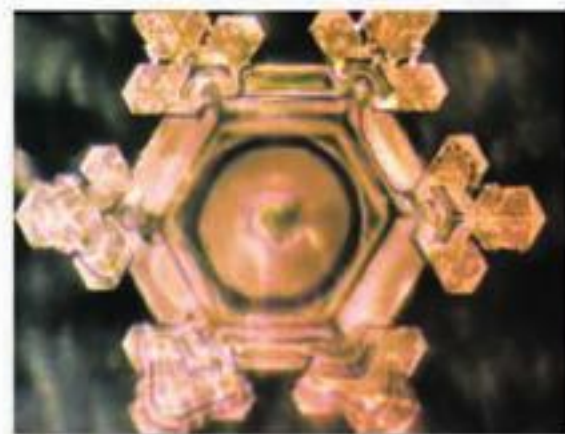
A água reage à consciência



Você me enoja,
vou matá-lo



Muito obrigado



Amor



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



A CONSCIÊNCIA CRIA A REALIDADE

Os heróis escolhem o que desejam: estar em muitos lugares ao mesmo tempo ou experimentar muitas possibilidades ao mesmo tempo. E, então, colapsar em uma delas.

REGGIE



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

diária. Assegura: “É o único pensamento radical que precisamos ter, mas é *tão* radical! É difícil, porque tendemos a pensar que o mundo já está aí, que independe da nossa experiência. Ele não está. A física quântica é muito clara quanto a isso.”

Tudo isso levou Fred Alan Wolf a cunhar, nos anos 1970, a expressão “eu criei minha realidade”. O então nascente movimento da Nova Era imediatamente tomou posse dessa frase e fez dela parte do *próprio* paradigma. Mas, como muitos cientistas declararam, não é um conceito fácil de se absorver integralmente. Retomando a citação de Wolf: “Você não está mudando a realidade exterior. Você não está alterando cadeiras e caminhões, tratores e mísseis que estão sendo lançados — você não está mudando essas coisas!”

Quem está criando o quê?

O doutor Wolf prossegue: “Uma das questões levantadas sobre criar realidades é o que acontece quando duas pessoas criam realidades diferentes. O que se passa então? Bem, a primeira coisa a entender sobre a idéia de que criamos nossa própria realidade é que, se você pensar que é seu eu egoísta que controla sua realidade, então possivelmente a idéia está errada. Provavelmente não é de forma alguma aquele você quem está criando a realidade.”

Amit Goswami esclarece:

Ficou claro que o lugar de onde eu opto por criar minha realidade, aquele lugar de consciência, é um estado de ser incomum em que o binômio sujeito/objetos se divide e desaparece. É a partir deste estado extraordinário que eu escolho — e conseqüentemente o júbilo do adepto da Nova Era desapareceu quando ele foi forçado a encarar a realidade de que nada é de graça. Temos de meditar e atingir estados incomuns de consciência, antes de nos tornarmos criadores de nossa própria realidade.



Meu filho Evan, o físico, diz que eu estar sustentando uma realidade e outra pessoa estar sustentando outra é uma coisa aditiva (...) Hoje à tarde é o torneio do Super Bowl, e a realidade que o time dos Eagles está sustentando é diferente da realidade que os Patriots estão sustentando, e somente uma dessas realidades vai se tornar real.

—Candace Pert, Ph.D.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

duas mais importantes foram: as dependências emocionais e a criação da própria realidade. Durante a filmagem de *Quem somos nós?*, todos os envolvidos trabalharam para criar a realidade e lidar com as dependências emocionais.

Em outras palavras, decidimos ser “os cientistas em nossas próprias vidas”, empregando o método científico e testando-o para ver se funcionava. E o resultado foi positivo, com um modo melhor de viver a vida.

Mas isso envolve apenas os três criadores. O filme recebeu originalmente o título de “What the Fuck Do We Know?!¹” portanto não fica assim tão claro que você deva escutar o que dizemos. A quem você deve escutar? Àquela pessoa que na realidade você sempre escuta — você mesmo.

DE MASSA PARA MASSA

Eu estava dirigindo a cena que se passa no cinema Baghdad. Tínhamos de filmar entre meia-noite e o amanhecer, quando teríamos de sair do local. Estávamos atrasados. Eu me dei conta de que nunca iríamos “ganhar o dia”, o que seria um desastre porque nesse caso a cena inteira não funcionaria. Ramtha sempre nos disse para trabalhar “de massa para massa.” Em outras palavras, tudo o que criamos resulta de empurrar fisicamente coisas materiais, em vez de criarmos em um nível sutil e deixar as coisas acontecerem.

Percebi que estávamos ferrados e que não dava para continuar de massa para massa. Lembro que pensei “Está na hora de criar como um deus” e subi correndo a rampa do cinema, gritando “Chega de massa para massa.” É tudo que me lembro depois disso, a não ser que pela madrugada tínhamos terminado tudo.

—MARK

¹ É isso aí! Nós falamos! É esse o verdadeiro título, afinal...



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

esperar e aceitar o incomum, você pode aceitar um aumento de salário hoje. Se você se tornar você mesmo, sua expectativa de um aumento de salário diminui muito. Nós dois sabemos disso. Mas nesse estado de inconclusividade sobre sua identidade, você pode criar qualquer coisa.

Assim eu digo a meus alunos: antes de se levantar e lembrar quem você é, crie seu dia. Depois de você criar seu dia, sua rotina vai mudar. Vai ser uma pessoa ligeiramente diferente olhando para o vaso sanitário, olhando-se no espelho. Vai haver alguma coisa diferente em você, e isso vai ser maravilhoso.”



Esse ensinamento magnífico se dirige ao “eu”, que, afinal, foi o objeto do capítulo. Quem é o “eu” que está criando? Se é a personalidade, então as criações vêm das estruturas, hábitos, propensões, redes neurais e daquela mesma estrutura de personalidade de sempre, e tudo o que for criado será o mesmo de sempre. Criar o que já existe é praticamente não criar.

Ou a criação está vindo do ser mais elevado, do ser Deus, caso em que ela em geral é inconsciente e resulta de algum carma profundamente enterrado. Dessa maneira, embora as criações sejam maravilhosas para o espírito, para a personalidade isolada, elas parecem arbitrárias e injustas e dão origem a sentimentos de impotência e vitimização.

Essa técnica faz uso do momento do não ser ou do novo ser. De dentro desse eu, alguma coisa verdadeiramente nova pode se manifestar. Alguma coisa que você cria *conscientemente*. E criar assim desmonta para sempre a armadilha da vitimização e da impotência.

E cada dia estabelece, de forma muito real, que você cria sua realidade.

E, se isso for verdade, essa confirmação é como gasolina no fogo.

A vida não é para nos encontrarmos. A vida é para criarmos a nós mesmos.

—George Bernard Shaw



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Mas se aceitarmos absoluta e totalmente aquilo, aí sim vai acontecer, porque a realidade se acomoda à nossa intenção. Da mesma forma, se você puder se concentrar e se convencer de que está curado, isso acontecerá, mas *o que normalmente não aceitamos é o grau de dúvida escondido por trás dessas afirmações.*

E, se você olhar bem, a dúvida é sempre resultado do sistema de crenças entrando em colisão com a fé que ampara sua ação. E, até que esses conflitos sejam eliminados, o caça X-wing permanecerá no pântano. Como diz Ramtha:

Que amplitude, que profundidade, que altura tem o nível de sua aprovação? Porque a fé é isso. Você jamais poderá manifestar em sua vida aquilo com que não concorda. Você só manifesta aquilo que aprova. Portanto, qual é a amplitude da sua aprovação? É maior que a dúvida? Quais são as limitações da sua aprovação? É por essa razão que você está doente? É por isso que está envelhecido? É por isso que está infeliz, porque o nível de sua aprovação é a infelicidade? Isso é tudo o que você vai conseguir, você sabe. Você não vai conseguir nada maior.

4. Torne os novos conhecimentos assustadores e inacessíveis.

Os conhecimentos novos são a chave que destrava os velhos sistemas de crenças e abre a porta para realidades cada vez maiores. Além disso, o conhecimento fortalece nossa fé no verdadeiro mecanismo interno do universo e assim dá mais poder ao mago. Portanto, faça uso da medida defensiva mais drástica: o medo.

Antídoto: “Pedi, e dar-se-vos-á; buscai e achareis; batei, e abrir-se-vos-á” —Mateus 7:8

Quando pensamos em um mago, nos vêm à mente visões de alguém em um gabinete, com livros empilhados até o teto

Por que Donald Trump é rico? Porque ele aceitou ganhar 3 milhões de dólares por dia. Ele construiu um modelo de possibilidades que a maioria das pessoas não tem. A maioria das pessoas tem modelos que talvez lhes permitam ganhar duzentos dólares por dia. Trump apenas acrescentou um monte de zeros e aceitou o resultado. Ele não nasceu necessariamente com um dom especial. Trata-se apenas de aprovação. Como construir o nível de aprovação? Os atletas o constroem treinando e depois disputando uma corrida. Eles descobrem quais são as próprias limitações. Descobrem em que são bons. O treinador os ajuda, e é possível que eles cheguem a ganhar medalhas olímpicas. Por que seria diferente quando se trata da mente? Nós também não deveríamos estar treinando a mente? Não deveríamos estar dando informações a ela?

—MARK



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

nós o que somos. Se extirparmos essas coisas, o resto forçosamente virá. Se nunca arrancarmos essas coisas, se as acobertarmos sob a fachada de espiritualidade, então a ciência e a religião podem se unir até o fim dos tempos e não vai fazer a menor diferença.

Porque o reino de Deus está dentro de vós.

—Lucas 17:21

7. E nunca olhe para dentro.

Embora essa seja a última regra, ela sustenta tudo o que veio antes. Se as pessoas nunca olharem para dentro, nunca descobrirão a verdade sobre quem e o que elas realmente são. Portanto, convença-as de que a verdadeira felicidade está fora delas.

Antídoto: Não aceite — olhe para dentro.

O bombardeio diário da publicidade procura dar ênfase à idéia de que a realização é alcançada quando obtemos alguma coisa no mundo exterior. Mas o fato é que depois de conseguir mais automóveis, casas, dinheiro e fama, o que resta é você mesmo.

Contudo, é importante lembrar que os publicitários, os mentirosos e a mídia não são responsáveis por ninguém estar na condição de sapo. Isso equivaleria a ser uma vítima. No fim das contas, é sempre cada indivíduo quem decide em que vai prestar atenção. Em que vai se focalizar. O que vai deixar entrar. Isso é sempre nossa escolha pessoal. Jogar a culpa em qualquer coisa externa é diminuir nosso interior.

Imagine a seguinte situação: andar por aí com o Reino de Deus, o paraíso, a iluminação, o nirvana dentro de você. Eu quero dizer, imagine literalmente:

Mantenha essa imagem em mente — ir para o trabalho, para a escola, para o mercado com tudo aquilo dentro de você. Onde quer que vá, você carrega o eterno consigo...

Se isso não é a cara de um mago, então eu não sei o que é.





You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Pense um pouco nisto...

- Partindo da idéia de que as perguntas (processo 1) são um elemento importante no colapso (processo 3), isso lhe diz alguma coisa sobre a importância das grandes perguntas?
- Por que você acha que perguntamos tanto?





You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

ligar o piloto automático e nos dirigir, nós começamos a usá-lo. A consciência começa a ter domínio sobre o corpo.

A consciência, o observador, a intenção e o livre-arbítrio

Já passamos por esses conceitos antes. E aqui estamos, outra vez, dentro da estrutura mais complexa do universo conhecido, o cérebro, examinando-os novamente.

Lembra como no mundo quântico: tínhamos a intenção de fazer uma pergunta sobre a realidade (processo 1); surgiam as possibilidades (processo 2); e, então, a observação as fazia colapsar em uma escolha definida (processo 3)? O que o doutor Dispenza afirma é que é possível colapsar a escolha de uma nova vida: “Talvez sejamos apenas maus observadores. Talvez não tenhamos dominado a habilidade de observação e talvez isso seja uma habilidade. E talvez sejamos tão dependentes do estímulo e da resposta do mundo exterior que o cérebro esteja começando a ser reativo, em vez de criativo. Se recebermos o conhecimento adequado, a compreensão adequada e a instrução adequada, devemos começar a perceber retroalimentações mensuráveis em nossas vidas.”

Porém como traduzir isso em uma ação que promova a mudança e a transformação? Com base na pesquisa sobre os dispositivos eletrônicos para registro de intenção (DERI), o doutor Tiller descobriu que “é extremamente importante manter o pensamento e a intenção para provocar a transformação (...) Quando se quer focalizar a intenção, é preciso manter a unidade da mente”. E o reflexo disso no cérebro é o lobo frontal.

As ferramentas para a mudança e a transformação estão se acumulando...

E a maneira como nos *sentimos* em relação a isso determina, em última análise, quais ferramentas utilizamos e quais deixamos na caixa de ferramentas. Mas esse é o tema do próximo capítulo.

Parece lógico que o aparelho físico mais maleável, complexo e sofisticado seja a interface entre o mundo espiritual “intangível” e o mundo material “tangível”. E que ele espelhe processos nos dois mundos. “Como é acima, é abaixo; como é dentro, é fora.”



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

corpo da forma mais irresistível para resolver rapidamente o famoso problema do “tigre na selva”.

Para ilustrar o que ocorre dentro de nós e manter a sintonia com o tema do nosso capítulo divertido, o “experimento intelectual” a seguir investiga o funcionamento da interface memória/emoções/reações.

ROBOTOMUS

Imagine que você é um pequeno ser que vive dentro de um “robô biogênico” — o Robotomus. Você vive numa pequena sala de controle na cabeça do Robotomus e vê o exterior pelos olhos dele. Usando um sistema complexo de alavancas, botões e um computador, você fornece a ele informações vitais.

E você tem uma tarefa — reconhecer e interpretar o que o Robotomus vê, para que ele saiba o que fazer. Agora, interpretar o significado do “lá fora” não tem nada a ver com movimentar componentes; é uma abstração do reino da mente — que os robôs são incapazes de computar. Por isso você conseguiu esse emprego.

Bem, felizmente há atrás de você uma parede cheia de arquivos que se abrem e fecham de acordo com o que o Robotomus vê “lá fora”. Pelas janelas dos olhos, você vê alguma coisa! Subitamente, várias gavetas de arquivos se abrem e uma porção de pastas estão iluminadas. Certo! Parece um humanóide bípede. Em seguida, você vê que é uma forma um tanto cheia de curvas. Ah-ha! É uma mulher! Você volta aos arquivos e as pastas relativas aos homens são fechadas. Bom, você reduziu o número de opções.

Você observa com mais atenção para ver qual o tipo da mulher (...) Ela está apresentando uma expressão facial estranha. Atrás de você todas as gavetas de arquivos, menos uma, estão fechadas. Apenas uma pasta está



Portanto, na realidade não podemos afirmar que estamos vendo o mundo objetivamente como ele é. Não existe essa avaliação completamente objetiva de nada porque nossa avaliação de tudo está relacionada com experiências prévias e emoções. Tudo tem um peso emocional associado.

—Daniel Monti, médico





You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Pense um pouco nisto...

- Quando foi a última vez que você teve um orgasmo em nível mais elevado?
- Que emoções você experimenta com mais frequência?
- Elas evoluem cada vez que são experimentadas?
- Você evolui cada vez que as experimenta?
- Está na hora de “tomar posse” delas?
- Para você, o que seria uma emoção nova?





You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

VICIADOS EM UM SENTIMENTO

A ciência agora já sabe que o hipotálamo produz neuropeptídeos, compostos químicos poderosos. Por exemplo, cientistas pegaram alguns animais de laboratório e colocaram eletrodos em certas partes do cérebro deles que produzem aqueles neuropeptídeos. Então, ensinaram as cobaias a pressionar uma alavanca para terem aquela liberação química.

O animal preferia liberar os neuropeptídeos a matar a fome e a sede, fazer sexo ou dormir. Chegava à exaustão e entrava em colapso antes de cuidar de si mesmo fisicamente. E é isso o que o estresse faz aos nossos corpos. Ficamos tão viciados nele que somos incapazes de pedir demissão do emprego, mesmo que não seja bom. Não conseguimos sair de um relacionamento que não nos serve mais. Não conseguimos fazer escolhas porque estímulo e resposta produzem os compostos químicos que os obliteram. E não somos diferentes do cachorro que não é capaz de fazer escolhas porque tem um lobo frontal menor.

—Joe Dispenza

Você não consegue curar um dependente até ter dado a ele tudo o que ele quer, e então ele não pede mais nada. É dessa forma que tomamos posse de uma experiência. É aí que somos sábios. Junte isso a novas receitas para a mente. E a receita para a mente é o conhecimento. Pois o conhecimento é como blocos de construção; construímos novos hologramas; e criamos realidades.

—Ramtha

E ainda estamos perguntando como romper com aquelas dependências!

Possivelmente o programa de maior sucesso em lidar com dependências é o Alcoólicos Anônimos (A.A.). Milhões largaram o álcool “um dia de cada vez”, usando o programa de 12 passos do A.A. Seria um desserviço tentar explicá-lo aqui, e interessados devem procurá-lo.

No entanto, vamos analisar uma parte do programa — o alcoólatra é ensinado a reafirmar repetidamente “Eu sou um alcoólatra”. E embora no início isso seja necessário para encarar a realidade da situação, essa repetição prende o indivíduo naquela personalidade. Dessa forma, isso nunca termina.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

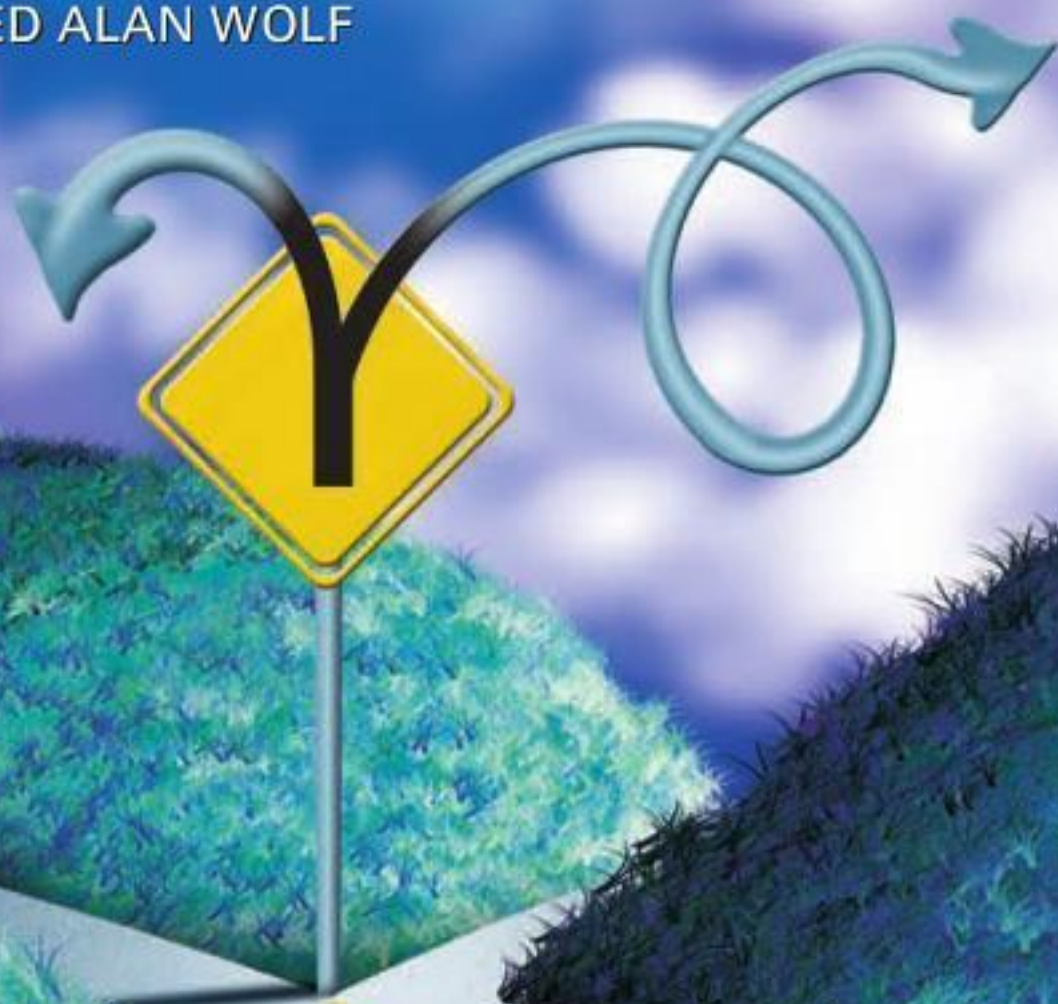


You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

DESEJO → ESCOLHA → INTENÇÃO → MUDANÇA

É realmente uma questão de desejo, desejo, desejo e apenas desejo. Não tem nada a ver com habilidade, talento, inteligência ou qualquer outra coisa.

FRED ALAN WOLF





You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

A melhor maneira de um ser humano se tornar observador é, antes de mais nada, ter a percepção ou a compreensão intelectual de que não temos de fazer sempre as mesmas escolhas, repetidamente. E em segundo lugar, colocar-se experimentalmente em certas situações na própria vida pessoal em que aqueles mecanismos do corpo sejam superados, e isso requer prática.

—Joe Dispenza

que ninguém teria sido capaz de imaginar. Essa é a razão pela qual é importante não julgar os desejos, mas examiná-los detalhadamente antes de escolher. E então temos a escolha.

“O livre-arbítrio está localizado em nosso córtex frontal e podemos nos treinar para fazermos escolhas mais inteligentes e sermos conscientes delas. Penso que é preciso haver diferentes tipos de prática. Podemos ir à academia e trabalhar os bíceps, ou malhar o córtex frontal por meio da ioga, da meditação e de outras práticas”, informa a doutora Pert.

Portanto, *quem* escolhe? É claro que é *você*, mas então voltamos ainda uma vez à pergunta: “Quem sou eu?” Qual “você” (personalidade/ego ou ser transcendental/espírito) faz as escolhas? Neurologicamente, parece que a pergunta é: a escolha está vindo de uma rede neural já existente ou do córtex frontal? Estamos nos aproveitando da aleatoriedade quântica que borbulha nas caixas chinesas² para nos deixar escolher algo novo ou somos a máquina mecanicista que faz tudo com base em condições preexistentes?

E mais uma vez voltamos à pergunta: em que mundo vivemos? No universo vivo, orgânico, desperto, interconectado ou no universo dividido, brinquedo de corda, de tique-taque?

A escolha é sua.

A intenção

E do outro lado da escolha está a ação! Quando o doutor Tiller realizou sua pesquisa sobre como a intenção afeta os sistemas físicos, ele usou “quatro meditantes muito qualificados, indivíduos com alta capacidade de gerir o eu interior.” Como sugere a doutora Pert, a capacidade de manejar a intenção é uma habilidade que pode ser desenvolvida. O doutor Tiller acrescenta, com relação à capacidade de ter como foco a intenção: “É por isso que alguns dos ensinamentos ocultos antigos

² Da teoria do cérebro quântico sobre o livre-arbítrio, de Jeffrey Satinover.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Pense um pouco nisto...

- O que você deseja intensamente que seja verdade?
- Por que você deseja isso?
- De onde vem esse desejo?
- A realização desse desejo vai preencher o quê em você?
- Seu paradigma também vai mudar?
- Você está disposto a abrir mão de tudo em seu paradigma atual para realizar esse desejo? Isso é necessário?





You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

do doutor Joe Dispenza, creio, dizendo que o cérebro humano tem sua própria minifarmácia. Então decidi aplicar minha intenção para, toda vez que percebesse os efeitos da febre do feno começando, eu visualizar meu cérebro produzindo o necessário para neutralizar os efeitos da doença em meu corpo (como comerciais de antialérgicos que mostram a droga bloqueando as partículas que causam a alergia). Não usei nenhuma droga externa para tratar minha febre do feno nos últimos dois meses. E sinto os efeitos começarem quase diariamente, mas aprendi a contê-los por mim mesmo. No começo acontecia com mais frequência do que agora. Não sei se sou eu que estou fazendo isso ou se há a possibilidade de o que causa minha febre do feno não estar presente com tanta intensidade, mas sei que essas ocorrências estão desaparecendo.

—NICK

Uma série de eventos sincronizados me levou a ver o filme *Quem somos nós?* aqui em Cardiff, no País de Gales. Estive nos últimos dois anos lendo livros sobre mecânica quântica (não sou matemática) e não sabia por que havia sido atraída por eles. Também tive experiências maravilhosas no último ano, depois de visitar um grupo na plantação em Silbury Hills, Wilts. Três meses depois daquela experiência, tive uma cura espontânea. Diagnosticou-se em meus olhos uma degeneração macular — doença progressiva que acaba por destruir a visão. Eu já estava percebendo a visão distorcida. Acordei uma manhã com a visão restaurada. O especialista no meu hospital ficou surpreso e queria fazer um estudo de caso especial a meu respeito, já que ele afirmou nunca ter visto aquela doença curar-se sozinha. Depois de assistir ao *Quem somos nós?*, entendi o potencial maravilhoso dentro de mim e parecia uma confirmação de alguma coisa que soube por toda a minha vida. Desde então minha visão continuou a melhorar e já não preciso de lentes tão fortes para ler. Dia após dia sei que estou criando minhas próprias circunstâncias.

—JENNIFER



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

A SEMENTE DE MOSTARDA

Então... uma semente de mostarda. É uma parábola brilhante para uma época na qual não havia ciência. Jesus sabia disso há 2 mil anos. Como ele podia ensinar física quântica a um bando de pescadores, coletores de taxas e indivíduos que montavam em asnos? O que somos realmente? Somos menores que o menor espaço de tempo, desde a energia do ponto zero até seu reconhecimento. Quão pequenos somos nós? Nós somos o ponto zero e flutuamos para fora dele. Então ele disse aos seus discípulos que o Reino dos Céus não fica no céu. Muitos vão dizer que ele fica lá, mas, na realidade, uma semente de mostarda, a menor das sementes, é o Reino dos Céus. E o que isso significa? Significa quem nós realmente somos e onde está nossa eternidade, onde sempre estivemos e sempre estaremos, e o ser é menor que uma semente de mostarda, e o Reino dos Céus onde Deus habita é menor ainda. Isso, minha amada entidade, é consistente com o mundo quântico que produz as ilusões grandes e confortáveis chamadas realidade.

—Ramtha

com sorte conseguimos chegar a um núcleo íntegro e firme. Mas, como você sabe, 90% do conhecimento novo vai para a lixeira em poucos anos, e é assim que deve ser.

Agora, a única exceção a essa regra no campo dos esforços humanos é a religião, porque ela diz: “Veja, somos os detentores de toda a verdade, já correta desde o primeiro dia.” Logo, ela não pode mudar, nem podemos refutá-la. E como nunca se tenta refutar os aspectos periféricos dos pressupostos da religião, ela se tornou cada vez mais irrelevante para a evolução do pensamento humano.

Mas não foi sempre dessa forma, mesmo no Ocidente. O exemplo mais óbvio e conhecido disso são os ensinamentos de Jesus. O Deus do Velho Testamento, que era o Deus em vigor no tempo de Jesus, era uma entidade colérica, vingativa e malevolente. Parecia se divertir em matar primogênitos, seres humanos, cabras, gado. Não fazia diferença, ele era um “deus ciumento”. O que difere muito das palavras de Cristo: “Deus é amor.” Segundo o doutor Ledwith, “houve uma mudança perceptível na essência dos ensinamentos de Jesus com relação aos ensinamentos do Velho Testamento. Por exemplo, citando Moisés, ele declara que foi dito aos homens no passado: ‘Olho por olho e dente por dente’, mas eu vos digo: perdoai os vossos inimigos”.

E, de fato, muitos ensinamentos de Jesus pareciam reforçar a idéia de abandonar aquela figura de barbas brancas, que andava sobre as nuvens e distribuía julgamento e ira, em favor de um deus mais pessoal. Ou de parar de ver o paraíso como um lugar, passando a considerá-lo como um estado mental. Como dito antes, “o Reino de Deus está dentro de nós.”

Na verdade, os aspectos revolucionários dos ensinamentos de Jesus ainda nos influenciam após tantos séculos. De acordo com o doutor Ledwith

Ele sempre assinalou como é importante o pensamento, superior inclusive à ação que o segue. Con-



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Numa entrevista a uma jornalista, depois que *Quem somos nós?* foi exibido, critiquei enfaticamente o dogma religioso. Ela disse que eu parecia tão dogmático quanto as religiões sobre as quais estava falando. Ela era uma escritora que cobria a área de religião e tinha ouvido e visto muitas coisas maravilhosas relacionadas com aquelas religiões e disse que eu estava “jogando fora o bebê com a água da bacia”. Isso realmente me fez pensar. Também me fez apreciar o que realmente é uma jornalista dedicada buscando a verdade.

—WILL

perdoai e sereis perdoados.” (Lucas 6:37). Ou, como estivemos dizendo, sua atitude interior se refletirá na realidade exterior.

O conceito de evolução baseada numa sabedoria crescente é mais próximo das quatro nobres verdades de Buda, já mencionadas: “A origem do sofrimento é o apego às coisas transitórias e a conseqüente ignorância.” O sofrimento não decorre de ofender um deus zangado e ciumento; é simplesmente o resultado da ignorância.

E como tal, não é uma punição, mas um indicador, um empurrão, uma placa de sinalização n’O Caminho.

Salvem-me de mim!

Um dos aspectos básicos do cristianismo é a idéia de que “Jesus me salvará”. E na verdade tenho esperança de eu mesmo me salvar, sendo um pecador nascido na culpa. É difícil imaginar uma idéia mais desmoralizante do que essa.²

A ironia é que são exatamente esses erros, essas decisões ignorantes, esses “pecados” que nos levam a estados cada vez mais elevados. E se alguém puder salvá-lo, você nunca precisará assumir responsabilidades, clássica mentalidade de vítima. De fato, muitas dessas idéias remetem à palavra vítima.

JZ Knight descreve essa situação: “Agradar Deus nos isenta de viver. Quer dizer, o próprio fato de que alguém teve de morrer por nossos pecados é uma espécie de roubo, você não acha? Quero dizer, penso que todos deveríamos ter o privilégio de viver nossos próprios pecados e de nos enriquecermos em sabedoria graças a eles. Não vejo como podemos crescer e nos tornar seres extraordinários se não estivermos repletos da praga da experiência, que é má e prejudicial, etc. porque só dessa forma teremos realmente alcançado a sabedoria que nos permitirá compreender todo o mundo.”

² Se você pensar em alguma, pode ser interessante acrescentá-la à seção de *O manual do antimago* que trata da transformação de magos em sapos.



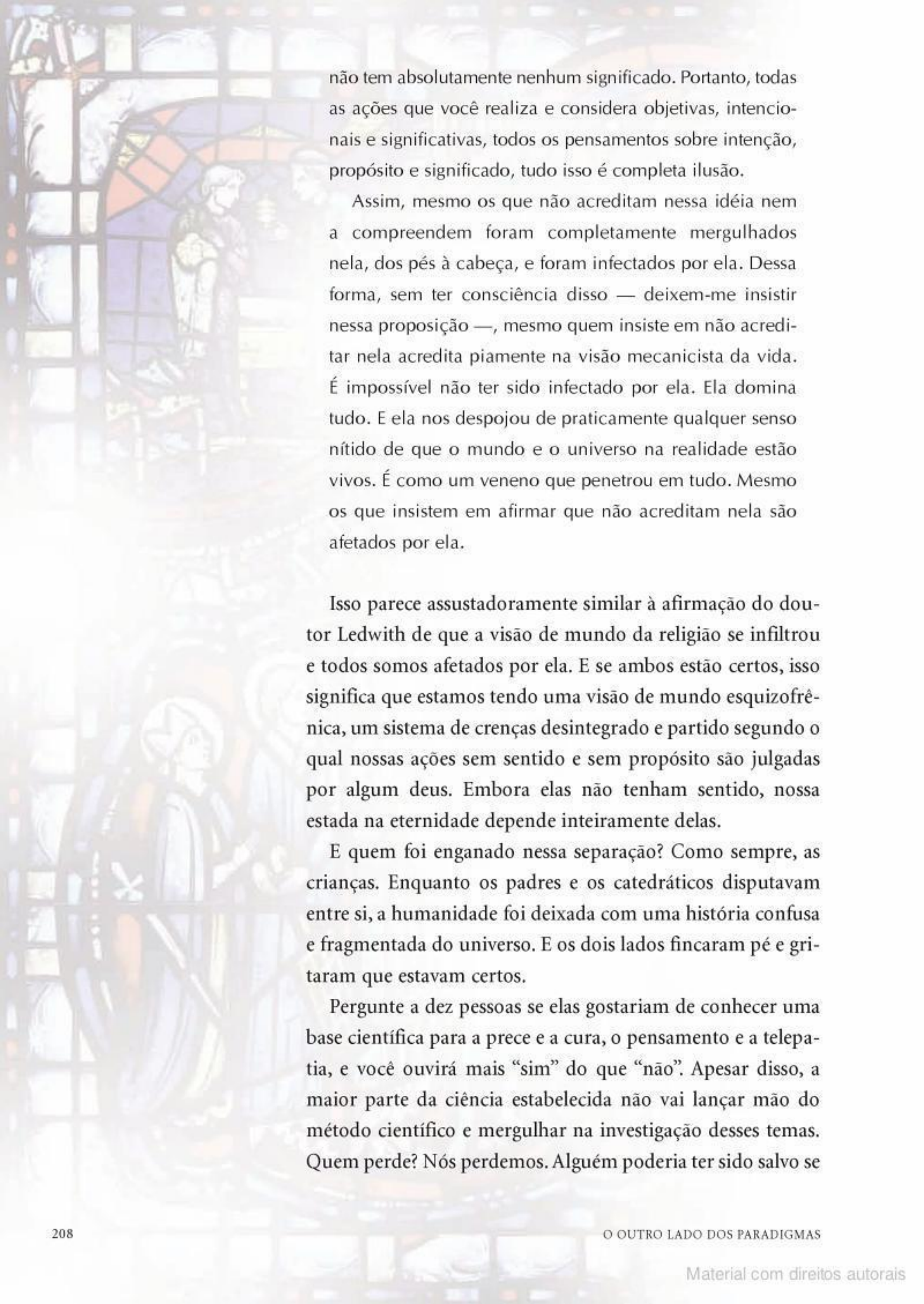
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



não tem absolutamente nenhum significado. Portanto, todas as ações que você realiza e considera objetivas, intencionais e significativas, todos os pensamentos sobre intenção, propósito e significado, tudo isso é completa ilusão.

Assim, mesmo os que não acreditam nessa idéia nem a compreendem foram completamente mergulhados nela, dos pés à cabeça, e foram infectados por ela. Dessa forma, sem ter consciência disso — deixem-me insistir nessa proposição —, mesmo quem insiste em não acreditar nela acredita piamente na visão mecanicista da vida. É impossível não ter sido infectado por ela. Ela domina tudo. E ela nos despojou de praticamente qualquer senso nítido de que o mundo e o universo na realidade estão vivos. É como um veneno que penetrou em tudo. Mesmo os que insistem em afirmar que não acreditam nela são afetados por ela.

Isso parece assustadoramente similar à afirmação do doutor Ledwith de que a visão de mundo da religião se infiltrou e todos somos afetados por ela. E se ambos estão certos, isso significa que estamos tendo uma visão de mundo esquizofrênica, um sistema de crenças desintegrado e partido segundo o qual nossas ações sem sentido e sem propósito são julgadas por algum deus. Embora elas não tenham sentido, nossa estada na eternidade depende inteiramente delas.

E quem foi enganado nessa separação? Como sempre, as crianças. Enquanto os padres e os catedráticos disputavam entre si, a humanidade foi deixada com uma história confusa e fragmentada do universo. E os dois lados fincaram pé e gritaram que estavam certos.

Pergunte a dez pessoas se elas gostariam de conhecer uma base científica para a prece e a cura, o pensamento e a telepatia, e você ouvirá mais “sim” do que “não”. Apesar disso, a maior parte da ciência estabelecida não vai lançar mão do método científico e mergulhar na investigação desses temas. Quem perde? Nós perdemos. Alguém poderia ter sido salvo se



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

O EMARANHAMENTO

*A natureza aparentemente é uma
hierarquia encadeada de sistemas coerentes
conectados de forma não-localizada.*

ERVIN LASZLO



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

**Há uma superposição de múltiplas possibilidades
que depois de algum tempo colapsará em uma ou
outra possibilidade; então você escolherá fazer
isso ou fazer aquilo.**

—Stuart Hameroff

Para não entrarmos na lista do doutor Satinover, declaramos de saída que este capítulo não vai ser a palavra final sobre como você deve levar *sua* vida, ou o que *você* precisa fazer, deixar de fazer ou criar. Como se nós pudessem saber, sentados aqui, digitando num computador, qual fator, local ou acontecimento decisivo vai virar sua vida de cabeça para baixo e tornar gloriosa a sua viagem pelo universo. É comum as pessoas pensarem que existe uma fórmula secreta e que, se a conhecessem, tudo seria maravilhoso. Se pudessem somente passar cinco minutos a sós com Donald Trump, então os negócios delas também seriam um sucesso.

Então, por que escrevermos sobre todas essas idéias, experimentos, conceitos, metodologias e maneiras de ver o mundo? Pensem nisso como uma operação para abastecer a caixa de ferramentas. E agora estamos abastecidos com alguns equipamentos *poderosos*.

Muitos conceitos sobre os quais falamos foram debatidos, discutidos e defendidos pelas melhores mentes e espíritos do planeta durante milhares de anos. Portanto, no domínio da mente (que, afinal, é real) nos reunimos com muitos seres verdadeiramente maravilhosos. Você talvez pergunte: como podemos esperar algum dia solucionar definitivamente o que esses gênios não puderam resolver? Bem, eles provavelmente

*Todos os conceitos da física
teórica, os conceitos da física
quântica, tudo isso é fabuloso
e maravilhoso. Mas, no fim
das contas, isso nos oferece
forma melhor de mudar
nossas mentes?*

—JZ Knight



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



Como podemos dizer que vivemos totalmente cada dia se nos limitamos a experimentar a cada dia as mesmas emoções das quais somos dependentes? O que estamos de fato dizendo é que preciso confirmar quem sou e o que é a minha personalidade, e tenho de fazer isso, tenho de vir aqui, tenho de ser aquilo. Um mestre é um tipo de animal bem diferente. É aquele que vê o dia como oportunidade no tempo para criar avenidas de realidade, emoções e realidades que ainda não nasceram, para que o dia se torne uma fertilização de amanhãs infinitos.

—Ramtha

Portanto, segundo o doutor Dispenza, do outro lado do “anseio diferente” está um “sentimento claro de alegria.” Realmente? Nesse ponto poderíamos começar a falar das razões por que isso acontece e sobre a evolução e sobre “tornar conhecido o desconhecido,” mas isso foi feito ao longo do livro.

E além disso, $Q\mu\Sigma$ $\Sigma\theta m\sigma s$ $\pi\acute{o}\zeta$? , afinal!? O doutor Dispenza acredita que isso é verdade, mas e eu? E você? A verdadeira pergunta é: O $Q\mu\Sigma$ VOCE Sabe?

Realmente.

A resposta sucinta para essa pergunta é: tente. Faça um teste. Teste tudo. Lembre-se, as respostas são estritamente pessoais, razão pela qual não estamos dando a você um livro de receitas quânticas que ensine a cozinhar uma vida maravilhosa. A boa notícia e a má notícia são: só você sabe.

Assim que o processo de experimentação com sua própria vida começar toda a informação que você leu e todo o conhecimento sobre criação, emoções, dependências, escolhas, mudanças, intenção, memória associativa, tudo isso vai entrar em ação. Os paradigmas e redes neurais que limitam seus graus de liberdade vão saltar à sua frente. As crenças que restringem seu espírito imortal vão gritar em seu ouvido. Vai ser o caos. Oba! — você estará vivo.

O colapso final

O colapso final na superposição final é você. Todas essas possibilidades: mudar ou não mudar? Transformar-se em quê? Tomar posse, aposentar ou provocar o colapso de quais padrões emocionais na forma de sabedoria? Qual convicção colocar à prova? Todas essas possibilidades estão esperando lá fora, esperando por uma escolha. Miceal Ledwith diz:

Qual é a diferença entre crença e conhecimento? Bem, acredito na sabedoria de alguma outra pessoa ou coisa. Percebi quando experimentei aquilo pessoalmente, e se



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



Todos os olhos se ergueram no momento exato de ver Gordy, tendo nos braços o bebê dele e de Betsy, Eloratheia, precipitar-se (com a criança) num deslizamento alucinado pelo longo e curvo corrimão. Foi uma tremenda emoção para todos, principalmente porque Gordy estava usando seu novo kilt de couro. Ele fez uma aterrissagem perfeita sobre os dois pés, que conquistaram a caminhada sobre as brasas e que, portanto, estavam destinados a nunca mais provar os carvões incandescentes.

E lá estava Betsy Chasse. Até certo ponto a mão invisível e criadora de tanto do que ocorreu, e eternamente uma amante de figurinos, ela estava vestida de forma indescritível, lembrando algo que ninguém era capaz de recordar. Se Betsy continuamente trocou os trajes durante a noite ou “só fez mudanças”, foi um assunto que sobreviveu ao fim do baile de gala.

Com os sobretudos de viagem recolhidos, os convidados migraram para o salão. Por todo lado havia sofás confortáveis e os viajantes se acomodaram para repousar, tomar uma bebida e se preparar para os festejos. Da sala de música, uma deliciosa sonata de Mozart se fez ouvir e terminou.

Dai, irrompeu o caos. Sem que o restante dos convidados percebesse, Masaru, tal como fizera no Water and Peace Festival, em Tóquio, convenceu Ervin Laszlo a tocar uma pequena peça ao piano, uma dança romena de Bartok. A peça constantemente brincava com o caos e a desordem, e quando parecia que o inferno se instauraria, surgia um fio, uma melodia, que levava o ouvinte até o próximo precipício de insanidade. Ou, como diria o doutor Laszlo, a um momento de bifurcação.

Então, fez-se o silêncio.

Muitos dos convidados não tinham conhecimento de que a primeira carreira de Ervin Laszlo fora a de pianista e que ele, na adolescência, viajou pelo mundo tocando com as principais orquestras sinfônicas. (Comentou-se mesmo que o piano do próprio Bela Bartok veio, de algum modo, viver no escritório do doutor Laszlo.)

Magos, todos, e aquela dose de loucura bifurcativa tirou-os de seus devaneios e os levou para a grande sala de banquete.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



O observador é um enxerido que sempre se mete e tenta ser a parte central da experiência, ou pode ser uma testemunha que deixa a experiência se desenrolar? Algumas tradições são boas nisso. Os índios hopis aparentemente não têm palavra para “eu” e “nós”. Eles colocam a ênfase no verbo, no acontecimento. Eles diriam chovendo, amando.

Vê o que acontece? Em geral, faço amor com essa pessoa, certo? Mas em lugar disso, se eu digo: está acontecendo o amor, então eu só estou testemunhando. Está acontecendo amor; duas pessoas estão envolvidas. Uma sou eu e outra é meu outro significativo. Então o que está acontecendo é amor. Não existe o eu, não existe aquilo. É apenas amor. Você vê a beleza dessa transição?

—Amit Goswami, Ph.D.

“A todos os outros heróis. Àqueles que lançam mão das idéias e conceitos e os aplicam em suas vidas. Àqueles que progridem no caos e vivem no mistério e tornam conhecido o desconhecido. Gostaria que eles estivessem aqui conosco!”

E com isso todos subitamente levantaram os olhos das taças. E olharam em torno do salão. Um pensamento rapidamente passou por entre os convivas: eles estão aqui...

Pois se os pensamentos são tão reais quanto a mesa em frente, quanto a taça nas mãos, e se movem para fora do espaço e do tempo, e se os pensamentos similares se conectam, se emaranham, isso significa que todos aqueles que tiverem a mente voltada para aquele grande salão estarão ali. Se em sua mente você vir o salão e todos os que ali estão sentados, você também estará lá. As velas subitamente oscilam com a chegada de mais convidados.

E o tempo não importa. A anos de distância daquele momento, mentes se lançarão de volta no tempo e se juntarão à discussão em torno da Távola Redonda.

Quem chamou quem? A Távola Redonda trouxe as criaturas para a discussão, ou elas criaram a intenção que a Távola realizou? Os egos sempre querem ser os primeiros, mas no emaranhamento só há o acontecimento. Não há diferença; tudo é o mesmo impulso, produzindo as galinhas os ovos.

Passando os olhos pela sala, JZ Knight, que vê coisas de natureza sutil, deu um risinho:

“Minha nossa, está ficando bastante cheio aqui. Todas essas sementes de mostarda quânticas. Ainda bem que há todas as dimensões.”

Aquilo se tornou um imenso festival. E, se as teorias e os experimentos eram verdade, o festival não tinha fim. Evoluía sempre, à medida que mais e mais espíritos chegavam.



Com a excitação de uma grande assembléia, os magos reunidos se lançaram à tarefa. Sabendo que seus versos se propagariam em ondas pelo tempo e pelo espaço, escolheram bem as palavras, cada vibração cuidadosamente afinada



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

O universo holográfico repetia a miniatura de si mesmo em toda parte.

E, até certo ponto, esses magos abriram o caminho para que outros, em toda parte, pudessem ter essa possibilidade. Quando as taças foram erguidas em celebração ao triunfo do espírito humano, era tão certo quanto o nascer do sol que essa celebração reverberaria em lares e residências, pousadas e tavernas de toda parte. Essa é a natureza da realidade. Esse é o universo em que nos encontramos.

Aá fazia tempo que os convivas se retiraram, buscando locais mais confortáveis. Alguns foram para o salão, junto ao fogo, para contar histórias. Todos os peregrinos conhecem histórias assustadoras e incentivadoras, e era uma alegria para todos sentar ao lado deles e rir.

Em alguns momentos a fumaça parecia se aglomerar de forma estranha e outros convidados eram percebidos em meio à névoa. Certamente nenhum dos membros do grupo parecia se importar. Correu a notícia de que se tratava apenas de “velhos amigos chegando para bisbilhotar”. As velas se agitavam, um vento açoitava o ar, e as chamas eram levadas à beira da extinção quando subitamente o vento cessou. “Um truque barato de salão”, observou alguém, depois que a cinza do charuto dele caiu sobre seu colo. “Touché!” E ninguém riu tanto quanto aquele da cinza. Tal é o humor dos magos.

Um a um, os convivas se dispersaram. Alguns foram para o andar de cima, onde havia quartos. Ocasionalmente, ouvia-se um carro chegar, uma porta ser aberta e fechada, e, então, silêncio. Houve rumor de um Lamborghini.

Um dos cientistas decidiu “caminhar pela cidade velha até o amanhecer”, e recebeu o novo dia no topo da Torre Eiffel.

O último a sair foi o doutor Wolf, em sua esplêndida carruagem puxada por quatro cavalos.

Posteriormente foi dito que os convidados, ao olharem pelas janelas de seus quartos no segundo andar, viram que a

A única forma de eu fazer bem a mim mesmo não é pelo que faço a meu corpo, mas pelo que faço à minha mente.

—Ramtha





You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

“Se não for eu, quem vai ser?” Parecia estranho que tivesse de ser eu, mas concluí: “O.k., vamos fazer isso! Vou abrir uma empresa de software de 6 milhões de dólares e usar parte do dinheiro para bons projetos.”

Um ou dois anos antes comecei a frequentar a escola de Iluminação do Ramtha e lá existe uma grande focalização sobre as idéias de criar a própria realidade, manter em mente os desejos e as intenções e então manifestá-los. Então eu pensei: “Sabe, vou aplicar esses princípios. Em vez de abrir uma empresa de 6 milhões de dólares, vou abrir uma empresa de 30 milhões de dólares e doar a metade do lucro a trabalhos espirituais.”



Portanto, naquele momento, caminhando na direção do World Trade Center, fiz uma espécie de acordo comercial com o espírito: O.k., você vai ficar com a metade, mas também vou precisar de algum convencimento da sua parte para fazer essa coisa acontecer.

Meu primeiro professor costumava ter uma espécie de batalha de apostas com o uni-

verso. O universo faz algo de bom por você e você responde:

— Ah, você acha que isso foi bom? Rá! Veja só o que eu vou fazer por você; eu vou te dar o troco em dobro!

— Ótimo, mas agora vou retribuir a você em dobro — prossegue o universo. Então você continua:

— Ainda não estou impressionado...

Foi isso o que aconteceu quando eu caminhava na direção do World Trade Center. Por dentro, eu pensei: “Temos um acordo?” E fiz o aperto de mãos secreto dentro de mim.

Então abri a segunda empresa, ganhei o dinheiro e saí. Bem, quando me aposentei, não achava que seria eu quem faria o trabalho. O objetivo era fornecer o dinheiro. Outras pessoas viriam e diriam: “Eu tenho esse grande projeto,” e eu responderia: “Ótimo, vá em frente e execute” e preencheria um cheque. Então eles mandariam vídeos sobre o que estavam fazendo e eu os veria. Bem, não foi assim que aconteceu.

Quando eu estava na escola de Ramtha, houve uma ocasião em que fui apresentado ao Mark, que estava editando um filme. Eu tinha feito filmes — não profissionalmente, apenas na universidade. Comecei a olhar por cima do ombro do Mark e a pensar: “Uau, isso é divertido. Talvez eu pudesse fazer alguma coisa assim.”

Uma noite, na escola, Ramtha andava pelo palco e falava: “Nesta escola falamos sobre física quântica, biologia molecular (...)” e relacionou



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

— Você quer genialidade — continuou Ramtha —, mas o gênio sempre vem de fora do que é conhecido, de fora do controle. Se você tivesse feito o filme que queria fazer, teríamos uma merda que ninguém ia querer ver!

A questão é que era tudo verdade. Eu sabia que era verdade. Ele me ganhou. Ele ganhou a todos nós, porque queríamos alguma coisa maior e tínhamos chegado ao ponto em que estávamos dispostos a fazer todo o possível para nos livrarmos de nosso ego.

Os professores adoram quando os alunos querem muito alguma coisa. “Eu posso apertar os parafusos agora (...) Posso aplicar pressão.” Porque só quando estamos indo através do caos, para dentro do desconhecido, e lutando com o desconhecido, alcançamos a genialidade. Às vezes me vem a imagem de Ramtha sentado onde quer que ele se sente e em frente dele está um pequeno botão onde está escrito “Caos” e ele simplesmente não pode evitar: “Ah, eles pensam que estão fazendo isso (...) Bip.” E tudo vai pelo espaço.

Esse foi o ponto da grande virada. Depois disso, eu ainda estava em choque quando nós

três tornamos a nos reunir. Betsy declara:

— É, temos de explodir a coisa toda! (...) Vamos detonar a Amanda.

Mark e eu nos entreolhamos e protestamos:

— Não, acho que precisamos de Amanda.

— O.k., vamos jogar fora o apresentador — diz Betsy. Há três meses ela vinha tentando fazer isso.

— É — concordamos. — Vamos jogar fora o apresentador.

Dessa forma, num instante jogamos fora seis meses ou um ano de trabalho. E partimos para entrevistar pessoas.

Como eu tinha alguma formação científica e conhecia o aperto de mão secreto dos nerds, iria conduzir as entrevistas e fazer as perguntas mais técnicas. Quando os entrevistados começavam a ficar com os olhos um pouco turvos e já estavam de saco cheio de mim, Betsy entrava na entrevista. E ela soltava: “Vocês sabem, vocês estiveram falando sobre tudo isso e talvez isso signifique muito para vocês, os sabe-tudo, mas que importância isso tem para mim? Quero dizer, superposição quântica... E daí?”





You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Por fim, tivemos um encontro com eles em Santa Monica. Estávamos para estreiar naquela cidade; saíamos do Beverly, onde ficamos em cartaz durante várias semanas. Eles perguntaram:

— Vocês colocaram um anúncio grande no *Los Angeles Times*?

— Não — respondi —, não colocamos nenhum anúncio no *Los Angeles Times*.

— Isso é interessante. Estamos nesse negócio há anos e você tem de colocar um anúncio — fomos informados.

— Sim, é claro, — disse eu — é por isso que quero trabalhar com vocês, porque vocês sabem essas coisas todas.

Então viramos a esquina do cinema e lá estava um grande cartaz anunciando: “*Quem somos nós?*, esgotado.”

Entramos e vimos o filme inteiro. Havia uma sessão de perguntas e respostas depois do filme. Eles escutaram as discussões e as perguntas, e o mais importante deles declarou:

— Nossa. Nunca vi uma coisa assim. É, vamos fazer a distribuição.

E foi assim que começamos a ter o filme distribuído.

Eu imaginei que os espectadores fossem adorar o filme ou simplesmente ignorá-lo. Nenhum de nós jamais tinha estado na condição de figura pública; não tínhamos nenhuma experiência com a mídia e realmente não sabíamos o que esperar.



Então começaram a chegar as cartas com ameaças. Ameaças de morte. Meu Deus, era muito estranho. Houve um momento em que Betsy e eu paramos de ler o livro de visitas de nossa página na internet por que só havia três ou quatro tipos de comentário. Líamos “O filme mudou minha vida” ou “é maravilhoso” e então íamos para o próximo e era: “Seus nazistas, o mundo estaria melhor sem vocês.” Eu não estava acostumado a isso.

A coisa ficou tão feia que telefonei para JZ Knight, que canaliza para Ramtha. Ao longo dos anos ela tem recebido sua dose de cartas ameaçadoras e me ajudou muito. Ela me disse: “Você tem de se desligar da reação dos outros ao que está fazendo. Algumas pessoas vão adorar você, outras vão odiá-lo. Por fim, quando estiver sentado à noite tomando seu chá e contemplando o fogo na lareira, você tem de estar feliz com o que realizou. Faça uma avaliação honesta de quem você é. E se achar admirável o que realizou, isso é o que vale. Se você desmorrar a cada vez que alguém não gostar do que fez, nunca sairá de casa.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



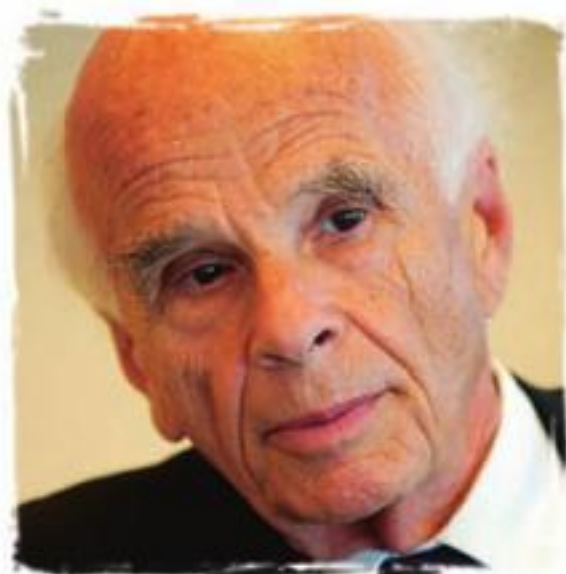
You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Stuart Hameroff, médico, (www.quantumconsciousness.org) é professor dos departamentos de anestesiologia e psicologia e diretor do Centro de Estudos da Consciência da Universidade do Arizona, em Tucson, Arizona. O doutor Hameroff dedica a maior parte do seu tempo de atividade profissional à prática de anestesiologia no Centro Médico da Universidade do Arizona, cuidando de pacientes cirúrgicos e treinando residentes e estudantes de medicina em um concorrido hospital de traumatologia. Seu interesse em pesquisa sempre foi entender como o tecido rosa-acinzentado — o cérebro — produz pensamentos, sentimentos e emoções. O cérebro é apenas um computador, ou alguma coisa mais profunda acontece? Nossos cérebros estarão nos conectando à estrutura refinada do universo? O que é a estrutura refinada do universo?

O doutor Hameroff publicou centenas de artigos científicos, incluindo três em co-autoria com Roger Penrose, e cinco livros, incluindo: *Toward a Science of Consciousness I-III* (MIT Press) e *Ultimate Computing: Biomolecular Consciousness and Nanotechnology* (Elsevier-North Holland). Como diretor do Centro de Estudos da Consciência (www.consciousness.arizona.edu), Hameroff organiza a série de conferências “Toward a Science of Consciousness”.



Ervin Laszlo, Ph.D., é autor e editor de 74 livros, traduzidos para vinte idiomas, e publicou mais de quatrocentos artigos e documentos de pesquisa, além de seis volumes de gravações de piano. Ele atua como editor do periódico mensal *World Futures: The Journal of General Evolution* e da série associada de livros *General Evolution Studies*. Laszlo é amplamente reconhecido como fundador da filosofia dos sistemas e da teoria geral da evolução, atuando como fundador-diretor do Grupo de Pesquisa em Evolução Geral e como ex-presidente da International Society for the Systems Sciences. Recebeu da Sorbonne, a Universidade de Paris, o mais alto grau em filosofia e ciências humanas e também recebeu o ambicionado Diploma Artístico da Academia Franz Liszt, de Budapeste. Seus numerosos prêmios e títulos incluem quatro doutorados honorários. Ele é conselheiro da Diretoria Geral da Unesco e é embaixador do International Delphic Council. Recebeu o prêmio Goi da Paz de 2004, no Japão. Foi indicado ao Prêmio Nobel da Paz em 2004 e novamente em 2005.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



Fred Alan Wolf, Ph.D., é físico, escritor e conferencista. Seu trabalho em física quântica e consciência é bastante divulgado por seus livros científicos e populares. É autor de 12 livros, incluindo os mais recentes: *Viagem no Tempo*, *Dr. Quantum Presents: A Little Book of Big Ideas*, a série de CDs *Dr. Quantum Presents: A User's Guide to Your Universe*, *Dr. Quantum Presents: Meet the Real Creator: You* e o ganhador do Prêmio Literário Nacional *Taking the Quantum Leap*.

A mente inventiva de Wolf pesquisou o relacionamento entre a consciência humana, a psicologia, a fisiologia, o misticismo e o espiritualismo. Suas investigações o levaram das discussões pessoais com o físico David Bohm à selva mágica e misteriosa do Peru; das aulas de mestrado com o ganhador do Prêmio Nobel Richard Feynman às viagens xamânicas pelos desertos do México; de um importante encontro com Werner Heisenberg à caminhada sobre carvão em brasa. No meio acadêmico, o doutor Wolf desafiou mentes na Universidade Estadual de San Diego, na Universidade de Paris, na Universidade Hebraica de Jerusalém, no Birkbeck College da Universidade de Londres e em muitas outras instituições de ensino superior.

O doutor Wolf é muito conhecido por sua simplificação da nova física e pela autoria de *Taking the Quantum Leap*, que em 1982 recebeu o cobiçado Prêmio Literário Nacional para Ciências.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.



You have either reached a page that is unavailable for viewing or reached your viewing limit for this book.

Mary Lou, por todos os anos de amor e apoio (Mark); e por me fazerem sorrir e gargalhar durante todo o processo: Walter, Viva, Rama and K. T. Elliott (Will).

A Ramtha e JZ Knight, sem os quais nada disso teria sido possível. A todos os cientistas e entrevistados — Fred Alan Wolf, Dean Radin, Lynne McTaggart, Dan Monti, David Albert, Jeffrey Satinover, Stuart Hameroff, Amit Goswami, Bill Tiller, Miceal Ledwith, Joe Dispenza, Candace Pert, Andrew Newberg, Ervin Laszlo e John Hagelin — obrigado por suas mentes brilhantes e por seu desejo de ir aonde a maioria dos homens e mulheres tem medo de ir.

A nova fronteira não é um país nem um planeta. É a mente. Essas idéias são sobre o futuro da humanidade.

Will Betsy Mark

